

ILUSTRAÇÃO



A N O
- 5.º -

Lisboa, 16 de Junho de 1930

PREÇO - 4\$00

Número
- 108 -

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

**O CARRO LUXUOSO
MAIS ECONOMICO**

FIAT

**O CARRO ECONOMICO
MAIS LUXUOSO**

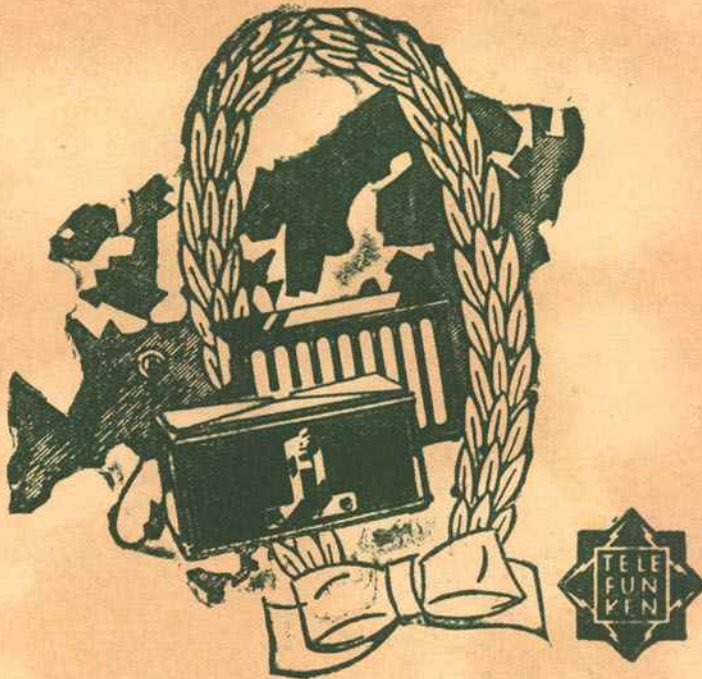
FIAT PORTUGUESA S. A.

PALACIO DA AVENIDA - Avenida da Liberdade, 253 — Rua de Santa Catarina, 122

LISBOA - Tel. N. 2928

PORTO - Tel. 1094

RADIO TELEFUNKEN



Um aparelho Telefunken adequado para cada fim

Maravilhosa sonoridade na recepção de emissões longuvas
 — Eis a vantagem dos aparelhos **TELEFUNKEN** —

Telefunken 40

O receptor europeu com seleccionador de estação

Que recebe qualquer emissor europeu, susceptível de ser ouvido sem antena exterior. A sua simples manobra e o seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente dessiminado.

Preço Esc. 3.000\$00

Alto-falante melhor adequado

“Arcophon 5” Preço Esc 650\$00

Telefunken 31 W

O aparelho receptor de 3 lampadas, de ligação á rede de iluminação, que recebe grande numero de emissores potentes nacionais e estrangeiros sem perturbações e com a melhor tonalidade.

Preço Esc. 1.200\$00

A melhor reprodução do seu elevado rendimento obtem-se com o alto-falante **TELEFUNKEN**.

“Arcophon 3” Preço Esc. 420\$00

TELEFUNKEN

A mais moderna experiencia

A mais moderna construção

AEG

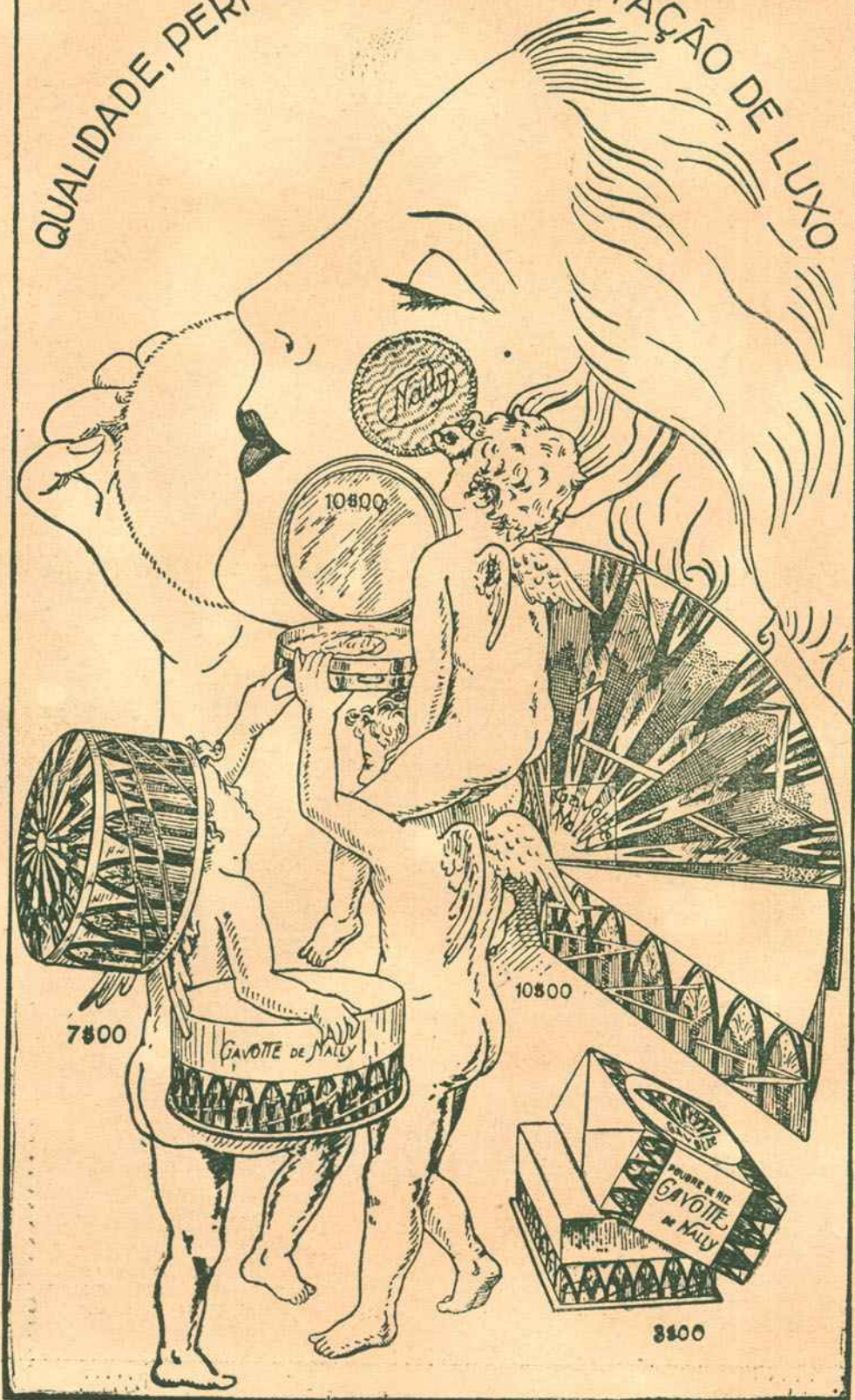
SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215

Pós d'arrôz GAVOTTE

QUALIDADE, PERFUME E APRESENTAÇÃO DE LUXO



O AUTOMOBILISTA DE FINO GOSTO PREFERE O

CHRYSLER-Six

Pela sua aceleração extraordinária
 Pela sua estabilidade a qualquer andamento
 Pela sua comprovada robustez e duração
 Pelo seu diminuto consumo
 Pelo seu duradoiro silencio

Agente Geral:

A. Beauvalet
 Rua 1.ª de Dezembro, 137
 LISBOA

CASA FUNDADA
 EM 1902

Distribuidor para o Norte:

Angel Beauvalet
 Rua de Santa Catarina
 PORTO



Conservar a tranquillidade
 de animo, sem alteração,

em horas tormentosas, mostrar a força dos
 seus nervos é ser senhor do mundo. Não
 desesperar, conservar o socego de espirito,
 são as condições primaciaes para conduzir
 cada um o seu destino.

Esta energia e socego de espirito são
 produzidos pelos

Comprimidos de

Adalina

Os comprimidos de Adalina são um pro-
 ducto de confiança da Casa Bayer e ensaiado
 por milhares de medicos. Informe-se com
 o seu medico!



Não se pode absorver impunemente qualquer bebida; ha uma que se deve usar, só ou misturada com vinho. Obtem-se deitando em agua potavel os

Lithinés de D'Gustin

que vos darão uma agua deliciosa, dissolvente do ácido úrico e combatendo as afeções dos Rins, Fígado, Bexiga, Estomago e Intestinos.

Os bebês de hoje são os alicerces da raça



Oh, Mães extremosas! Procurem fazer com que os seus filhinhos cresçam saudios, robustos, com toda a vivacidade.

A Maizena Duryea oferece os meios para V. S. preparar pratos que os bebês acharão deliciosos e que são ao mesmo tempo nutritivos e de facil digestão.

A Maizena Duryea contem os elementos nutritivos necessarios para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar vigor aos delicados musculos que com tanto esforço mal aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia os seus primeiros passos e que, no emtanto, formam a verdadeira base do organismo sadio e robusto da creança do amanhã.

Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde se encontram as receitas de muitos pratos especiaes para os bebês, além de muitos outros, deliciosos e alimenticios para toda a familia. Com prazer o enviaremos gratuitamente.

Carlos de Sá Pereira, Limitada
R. Arco Bandeira, 115—LISBOA

Nome _____
Rua e No. _____
Cidade _____



MAIZENA DURYEA

A HORA DO ENO!

Para que os dias vos decorram cheios de saude e bom humor, tomai sempre ao levantar da cama o vosso copo de Eno's "Fruit Salt".

Graças ao "Eno" livrar-vos-heis das perturbações de estomago e figado e de todos os incomodos que a prisão de ventre ocasiona. O elevado grau de pureza do sal de fructa "Eno" e a sua acção brandamente laxativa, conquistaram-lhe, durante os ultimos sessenta anos, uma reputação universal de precioso auxiliar da saude.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt".

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Depositarios em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.
8, Casa do Sodré, LISBOA.



Um presente para os vossos filhos!

As férias aproximam-se e, em breve, fechadas as escolas, feitos os exames, os vossos filhos vão gozar alguns mezes de vida despreocupada e feliz, entregando-se ás suas diversões, aos seus passeios, aos seus desportos, em pleno ar livre. Recompensai-os das fadigas de todo o ano, proporcionando-lhes o mais agradável e educativo dos divertimentos: a fotografia «Kodak».

Oferecei aos vossos filhos um “Kodak”

Entre os variados modelos de «Kodaks», todos caracterizados pelas suas inimitáveis qualidades de simplicidade, eficiência e economia, o «Brownie» é o menos dispendioso, um dos que melhor permite, mesmo a uma criança, obter sem qualquer dificuldade, belos instantâneos que constituirão, mais tarde, preciosas recordações dos seus amigos, das suas férias deste ano.

«Brownies», desde 70\$00



Esta placa indica-vos os bons estabelecimentos de artigos fotograficos onde vos darão todas as indicações sobre a escolha e uso de qualquer «Kodak», cujo manejo aprenderéis em poucos minutos. Ali encontrareis também Pelicula Kodak — em embalagem amarela — a pelicula com que deveis sempre carregar o vosso «Kodak» para resultados seguros.

Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa

Biblioteca de Instrucção Profissional

A mais completa que se publica em lingua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

ULTIMO VOLUME PUBLICADO:

Trabalhos de Carpintaria Civil

6.^a edição, revista e ampliada. Trata-se de um volume escrito por uma reconhecida autoridade no campo da construção civil o sr. Engenheiro *João Emilio dos Santos Seguro*.

394 páginas e 448 gravuras — PREÇO 15\$00

OUTROS VOLUMES RECENTES:

Manual do Condutor de Automóveis

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

670 páginas e 715 gravuras — PREÇO 30\$00

FISICA ELEMENTAR

pelo capitão *Valdez Bandeira*, segundo o programa dessa disciplina nas Escolas Industriais e Comerciais

Elementos de História da Arte

pelo professor e ilustre pintor *J. Ribeiro Christino da Silva*

Manual do Torneiro e Frêzador Mecânicos

NOVA EDIÇÃO

307 páginas e 372 gravuras — PREÇO 13\$00

OBRAS NOVAS E NOVAS EDIÇÕES, NO PRELO:

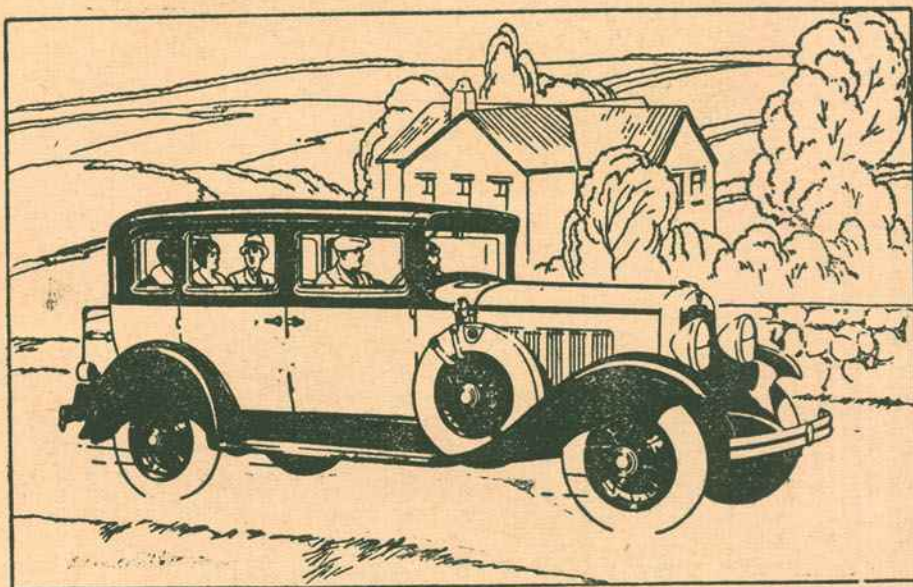
Elementos de projecções — Ferreiro — Vocabulário Técnico

DIRIGIR PEDIDOS ÀS

Livrarias AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

REO

Maior comodidade ao reduzir o ruído ao mínimo



Ao conseguirem um funcionamento silencioso, os engenheiros da REO obtiveram o que até ha pouco se considerava impossível, em automoveis deste preço.

O motor REO é tão silencioso que só se compreende que está funcionando quando se observa que o carro está em marcha.

As molas são também silenciosas estando as suas extremidades ligadas ao chassis por meio de cautchuc e, o que é mais importante ainda, a carroserie é também silenciosa. Os engenheiros da REO, lograram eliminar todos os guinchos e chiada produzida pelos remates e pernes mal apertados, soldando todas as partes susceptíveis de fazerem este ruído.

As peças que não podem ser soldadas tem nas juntas, uma fita especial que evita faes guinchos assentando, alem disso uma camada de feltro que asseguram silencio constante no rodar do carro

[REO são as Iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma.]

AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

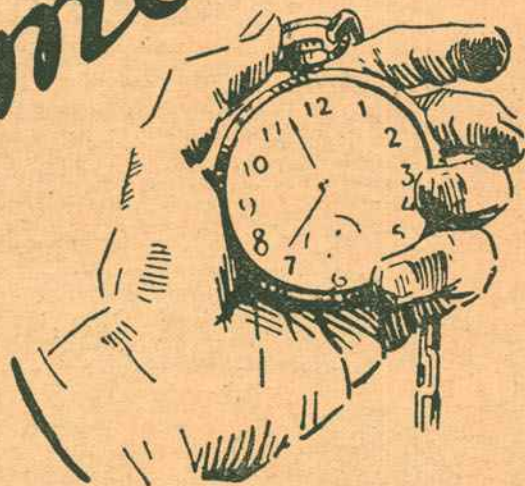
Avenida da Liberdade, 165-171
LISBOA ☎ : Telf. N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA

194, Rua Augusto Rosa -- PORTO

REO MOTOR CAR COMPANY—LANSING

Como
Cronômetros



funcionam os motores
empregando

**AUTO-
GAZO**

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil 673

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 108

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

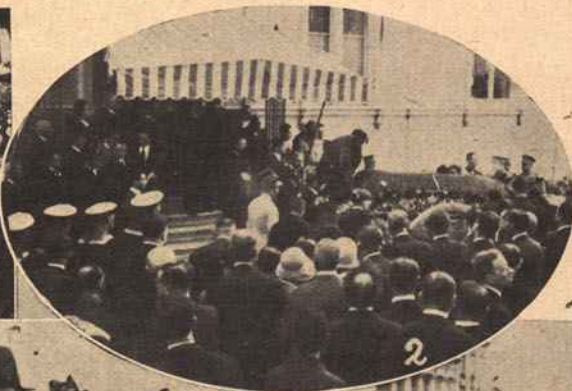
TODOS OS ASSUNTOS DE PUBLICIDADE TRATAM-SE EXCLUSIVAMENTE NA RUA ANCHIETA, 25 — TELEF. C. 1084

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

16 DE JUNHO DE 1930

A TRAGICA MORTE DO SR. MINISTRO DA ALEMANHA



1 — O corpo diplomático no funeral
2 — O feretro saindo do palácio da legação da Alemanha para o armão de artilharia

3 — Os marinheiros alemães no desfile

4 — O almirante alemão Von Gladsch e o seu Estado Maior, seguindo o funeral

5 — O sr. general Carmona, ministros e ajudantes, prestando as suas derradeiras homenagens ao corpo do infelizmente diplomata

6 — Um aspecto do desfile dos marinheiros alemães, vendo-se o povo, que accorreu em massa, contido pelas tropas portuguesas

(Ilustração, apesar de possuir as fotos flagrantes do atentado que victimou, traçoicamente, o ilustre diplomata, decidiu não fazer a sua publicação, sacrificando o seu imediato interesse comercial, ao dever de não dar publicação a documentos confidenciais)

(Fotos Ilustração)

CRONICA DA QUINZENA

A conferência de Londres não resolveu o problema do desarmamento naval; mas não foi de todo inútil. Teve, pelo menos, a vantagem de mostrar, uma vez mais, e de forma bem eloquente, que não será em conferências ou congressos que o problema da paz se resolverá, de cada vez mais justificado o receio duma nova guerra, mais desumana em seus processos e mais terrível em suas consequências que a desencadeada em 1914.

Para ela se vão preparando as chamadas grandes potências, umas aumentando o seu poderio em terra, outras aumentando-o no mar, cada uma delas procurando fazer com que seja temida a sua força ou desejada a sua amizade.

Não é fácil presumir o que serão os arranjos e combinações entre os diferentes Estados, nos vários continentes, para essa luta formidável, de que sairá remodelada a carta geográfica do globo. Ela não será ainda, a próxima guerra, a prevista guerra de continentes; mas será o seu preâmbulo.

Quem diria, antes de 1914, que a Itália havia de combater, ao lado da França, contra a Austria e contra a Alemanha, a estas duas Nações ligada pelas estipulações dum tratado que lhe não deixavam a liberdade de escolher posição num pleito em que se envolvessem, recorrendo às armas!

Uma coisa nos parece certa, e vem a ser que, na próxima futura guerra não haverá Países neutros. Todos serão obrigados a entrar na baralha, uns por compromissos jurídicos, outros por interesses de qualquer ordem, nenhum dos combatentes respeitando a sua neutralidade. Não sucedeu assim em 1914; mas a guerra de amanhã terá um carácter de universalidade e não simplesmente de generalidade que teve a guerra de ontem. O problema, relativamente às pequenas Nações, como a nossa, não será de entrar ou não entrar na refrega; será de escolher, podendo fazê-lo, o seu posto de combatente, e ajustar as condições da sua intervenção de conformidade com os seus grandes e legítimos interesses.

Os últimos discursos de Mussolini, arrogantes e ameaçadores, turvaram os ares da política europeia, e soaram como um clarim de guerra, vibrando notas marciais, já com os exércitos em marcha, a caminho da fronteira.

Sabe-se que o sr. Mussolini é muito desembaraçado em seus dizeres, e quando arenga aos seus *camisas negras*, toma ares de Imperador; não os ares dum Imperador que as legiões aclamam, colocando-o sobre o trono,

mas Imperador que regressa duma batalha em que se cobriu de glória, valente como César, hábil como Napoleão.

Quando trôa como Jupiter, é sempre voltado para a França, mas o seu propósito é fazer-se ouvir do mundo inteiro, sendo para admirar que o não faça trepado ao cimo mais elevado dos Alpes — não podendo fazê-lo metido numa sarça ardente, como o Senhor. A Itália ainda tem *terras irridentas*, que estão na posse da França; mas o sr. Mussolini sabe muito bem que à boa paz elas jámais voltarão a ser italianas, e que sob nenhum ponto de vista valeria a pena lançar o País nos horrores duma guerra para reaver a sua posse.

As palavras do sr. Mussolini, nos discursos últimamente proferidos, traduzem todo o seu pensamento?

Não é de crer.

Há nelas, oculto, um alto desígnio, que ao sr. Mussolini convém disfarçar e que é a determinante da sua política, conduzida com muito barulho para dar uma grande impressão de força, e inspirar uma confiança quasi cega na realização dos seus objectivos máximos.

A Itália ainda está longe da paridade naval com a França, e sabe muito bem que, caminhando para ela, nunca a atingirá, porque do mesmo passo caminhará a França, por forma a que a relação entre as respectivas esquadras seja sempre, pelo menos, a que é na actualidade.

O que succedeu, antes de 1914, entre a Alemanha e a Inglaterra?

Sucedeu que elas se puseram a construir barcos ao desafio, a Alemanha a querer igualar a Inglaterra em poder marítimo, e a Inglaterra a não deixar que a diferença, numericamente expressa, entre as duas esquadras, diminuísse duma só unidade. Já para ambos os Países era quasi incomportável o peso dos orçamentos militares, e como fracassassem tôdas as tentativas de entendimento para se fazer um alto horário nessa carreira vertiginosa, desencadeou-se a guerra.

As arremetidas periódicas do sr. Mussolini contra a França serão apenas acessos de gallofobia, na frase justa de Ferrero — A unidade do mundo — produzindo-se, ao mais

leve pretexto, sempre sem uma clara razão sufficiente?

Seja como fôr, a verdade é que a Itália trata de aumentar o seu poderio naval, obrigando a França a seguir a mesma ruína política.

Dir-se-ia que no sr. Mussolini, italiano dos nossos dias, incarnou a alma dum romano de velhas eras, um daqueles romanos que comandavam legiões e quasi realizaram o sonho dum império universal. Por vezes o *Duce* nos dá a impressão dum singular anacronismo, assim uma espécie de guerreiro que tendo morrido antes de Cristo, ressuscitasse alguns séculos depois de Maquiavelo.

Não há, no mundo inteiro, um País de mais gloriosas tradições, de mais nobre ascendência que a Itália. Simplesmente as civilizações de que ela procede, a grega e a romana, jazem há séculos no cemitério da História; nenhum poder humano ou divino será capaz de ressuscitar esses Lazaros.

Se nalgum povo da Europa o cosmopolitismo romano, característica essencial dessa civilização extinta, teve uma objectivação bem vindada, não foi na Itália, mas na França, Pátria eminentemente messiânica, votada ao sacrificio como todos os Messias. No seu livro — *A Itália que se vê, e a Itália que se não vê* — Brochet estabelece assim a diferença entre o cosmopolitismo francês e o italiano: — O cosmopolitismo francês quer pôr a França ao serviço da Humanidade; o cosmopolitismo italiano quer pôr a Humanidade ao serviço da Itália.

Napoleão, que além de tudo mais era psicólogo, nas instruções que deu ao general Gentili, a caminho do Veneto, recomendava-lhe que nas suas proclamações se não esquecesse de falar da Grécia e de Roma. É principalmente dos romanos que o sr. Mussolini fala aos seus compatriotas, a querer pôr a grandeza antiga ao serviço das ambições modernas. O Estado fascista não é a Nação italiana; os *camisas negras* são apenas alguns milhares, e os cidadãos livres de Itália contam-se por muitos milhões.

Mais uma vez a Itália agrícola e industrial, a Itália do trabalho fecundo e das aspirações alevantadas, vai ser sacrificada a sonhos de glória militar?

Tanto pior para ela e para todos, porque se o seu delírio desencadear uma tempestade, sabe Deus a repercussão que ela terá no mundo inteiro.

BRITO CAMACHO.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

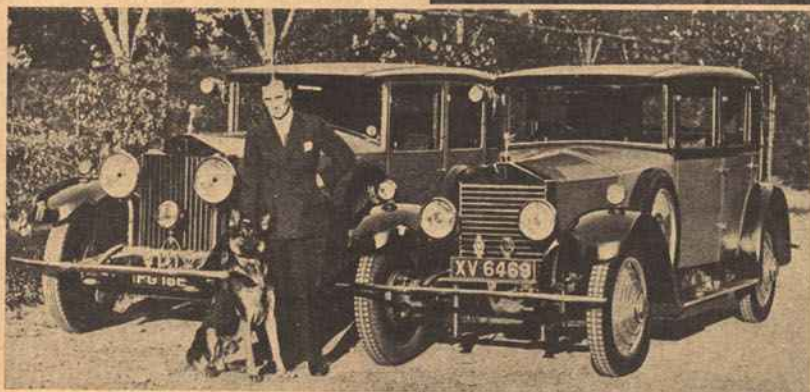
NOTAS DA ACTUALIDADE

A DIREITA: — Peter Kürten, o famoso assassino e estripador alemão conhecido por «O Vampiro de Düsseldorf», cujos crimes lançaram no pavor cidades inteiras, e que contava no seu activo, ao ser preso, 22 mortes repugnantes

(Foto da policia de Düsseldorf comunicada por Orrios — Madrid)

EM BAIXO: — O capitão Malcolm Campbell, o famoso «as» do volante que acaba de conquistar os records das 3 milhas e da velocidade em estrada, no seu «Blue Bird», em Verneuk Pan, Africa do Sul. O capitão Campbell com o seu Lobo de Alabáca e os seus dois Rolls-Royce de turismo

(Foto Imports)



NO OVAL, de cima: — A eminente actriz espanhola Asuncion Casals, no papel de protagonista do melodrama «Shanghai», o último grande successo teatral de Madrid



NO OVAL, à esquerda: — Uma scena do melodrama «Shanghai», do autor americano Mr. Cotton, traduzido por D. Arturo Mori e estreado com um êxito enorme em Madrid, no Teatro Cómico, pela companhia de que faz parte Asunción Casals

(Foto Orrios)

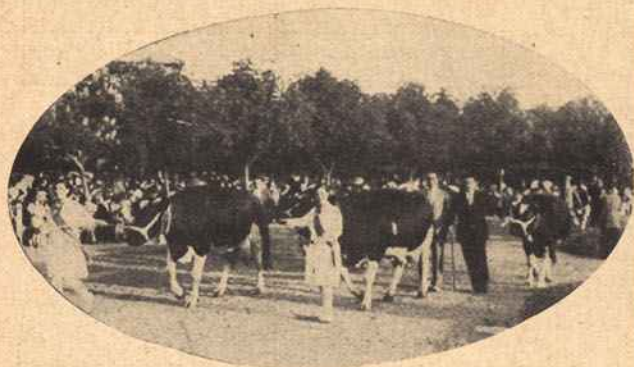


AS FESTAS DA PASTA NA UNIVERSIDADE DO PORTO. — A esquerda: Os novos quintanistas de letras. — A direita: Os alunos e alunas de letras que tomaram parte na festa



A ESQUERDA: — Rapazes e senhoras que assistiram às festas típicas dos segovianos residentes em Madrid, vestidos com os trajes típicos da região a que pertencem

NO OVAL: — As três alcaldesas de Segóvia que presidiram à bezerrada por ocasião das festas típicas

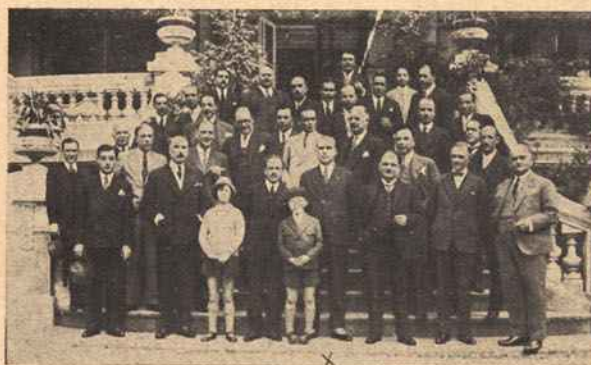


NO OVAL: — Concurso de gados. — O desfile do gado das vacarias de Madrid
A ESQUERDA: — A linda vaca «Millonaria», grande prémio de honra no Concurso Pecuário de Madrid



Senhoras da Comissão do «Garden-Party» realizado no Pôrto, no parque do Dessa, em favor da Assistência Nacional aos Tuberculosos: D. Elisa Andresen Guimarães, Mrs. Jennings, D. Maria Pinto Rosas, D. Maria Emília de Oliveira Lima, D. Maria Pinto Calem, D. Maria de Sá Carneiro, D. Maria Isabel do Vale Cabral, D. Matilde Claro da Fonseca, D. Olga Andresen de Almeida, condessa de Lumbrales, etc.

NO MEDALHÃO: — O sr. governador civil do Pôrto e sua esposa no Garden-Party



EM CIMA: — Um aspecto da conferência do architecto Adães Bermudes, realizada no salão nobre do Ateneu Commercial do Pôrto

A ESQUERDA: — Um grupo de membros da classe dos Armadores Marítimos e Agentes de Navegação do Pôrto, que ofereceram um almoço de homenagem a Eduardo Romero, seu ex-presidente, no Palácio de Cristal

(Fotos Orrios e Alvaro Martins)



O cardeal Luçon, o heróico arcebispo de Reims, a quem se deve a reconstrução da famosa catedral e que acaba de falecer, constituindo a sua morte uma perda nacional para a França. Era condecorado com as mais altas distinções de todos os países da Europa e contava 88 anos incompletos

(Foto Orriós)

NO OVAL, à direita: — No Grémio de Trás-os-Montes. — O nosso brilhante camarada Gomes Monteiro, depois da sua magnífica conferência realizada naquele Grémio, rodeado pelos directores e pelas gentis senhoras que vestiram os trajes característicos daquela provincia

(Foto «Ilustração»)

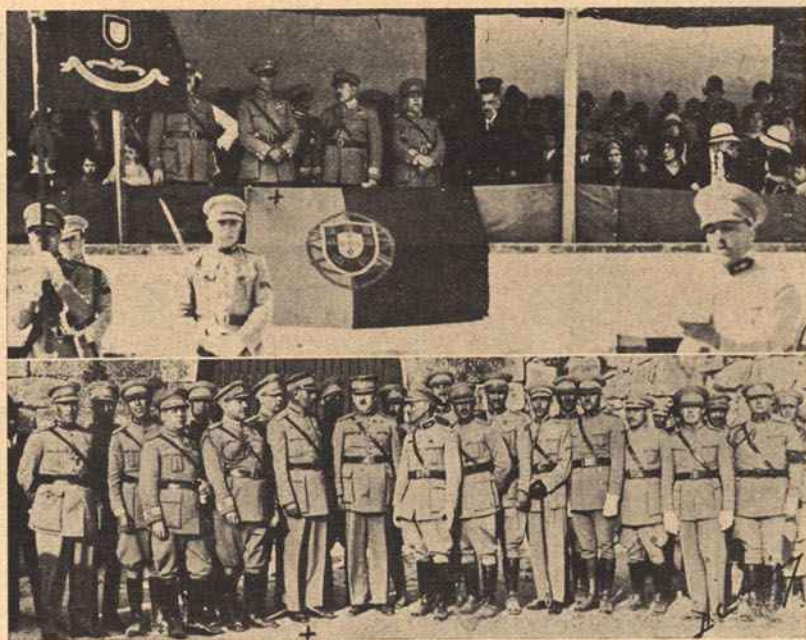
EM BAIXO: — EM VIANA DO CASTELO. — O Juramento de Bandeiras. Em cima o sr. major Azevedo, comandante militar, discursando ante a tribuna onde se vê o sr. Ministro da Guerra (X), Governador Civil, etc. Em baixo, o sr. Ministro da Guerra (X) com os seus ajudantes, comandantes militares, etc., pensando para a Ilustração

(Fotos Aureliano Carneiro)



NO ESTORIL. — O sr. general Carmona com os cavaleiros espanhóis, franceses e portugueses e gentis amazonas portuguesas que disputaram as várias provas do Concurso Bípico. Aos lados do Chefe do Estado o ganhador da «Taça Estoril» e a vencedora da prova «Amazonas»

(Foto «Ilustração»)



Sugestiva e magnífica capa, devida ao lápis de Cotinelli Telmo, da obra monumental «História do Regime Republicano em Portugal», que vai ser publicada sob a direcção do poeta Luis de Montalvor e que, pela apresentação gráfica, pela colaboração e até pelo alto interesse nacional e literário, é uma obra verdadeiramente magnífica e do mais vasto alcance



NO CHILE — Com motivo da apresentação das suas credenciais ao governo daquele país, o sr. dr. Jorge Santos, também ministro de Portugal na Argentina, Uruguai e Paraguai, e sua gentil esposa, ex.^{ma} sr.^a D. Maria Inês, foram alvo de múltiplas atenções da sociedade e da colônia portuguesa de Santiago, capital daquela República. O nosso ministro, recebido pelo sr. Presidente do Chile, general D. Carlos Ibañez del Campo, a quem acompanhavam o sr. Manuel Barros Castañon, ministro dos Negócios Estrangeiros e outros dignitários do governo

DOIS MORTOS ILUSTRES

Quasi simultaneamente a morte arrebatou ás nossas letras dois valores muito notáveis, António Patrício, poeta maravilhoso, o mais artista dos nossos prosadores, autor de «Serão Inquietos», e «Dimis e Isabel», duas obras primas,



António Patrício



General Cristóvão Aires

morre quando ia ocupar o seu posto de Ministro no Japão.

O general Cristóvão Aires, secretário da Academia das Ciências, grande historiografo militar e poeta de muito valor, morre também, dias depois,



Assistentes ao «Chá de honra» oferecido ao sr. Ministro de Portugal no Chile pelo sr. Artur Vieira e sua esposa: Srs. Almirante Artur Acevedo, Intendente de Santiago; Armando Labra, sub-secretário do Ministério do Interior; Nicolau Novaes, nomeado agora Embaixador do Brasil; Félix Nieto, chefe do Departamento Diplomático; Henrique Kohn, Consul de Portugal; Luis Silva, director do «Diário Ilustrado», e Manuel Sanchez, gerente; Alfredo Bastos, director da revista «Zig-Zag»; Anibal Jara Letelier, de «La Nación»; Lillo, membro da Academia Espanhola; César Cordovez, director da Agência Havas; Augusto Iglesias, Afonso Sutil, jornalista; Salvador Izquierdo, Luis Roccatagliata, Manuel Oyarzun, Manuel Gaeta, etc., e ex.^{mas} esposas

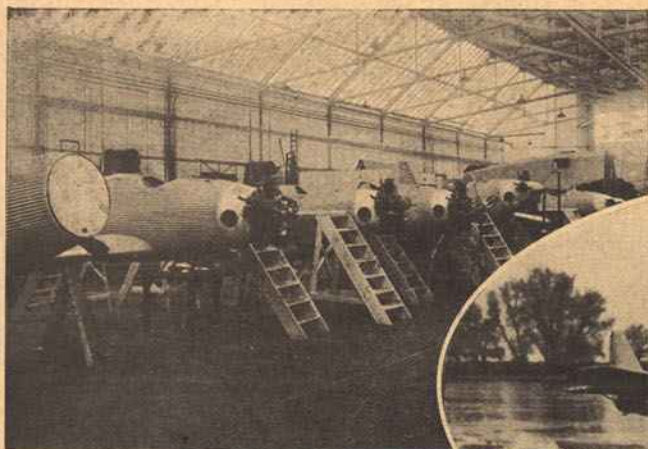


FESTAS DE VILA FRANCA DE XIRA

NO MEDALHÃO: — O sr. general Carmona à porta da Câmara Municipal com os ministros, presidente da Câmara e senhoras de Vila Franca de Xira
AO ALTO, à esquerda: — A nova estação, agora inaugurada, vista do lado das linhas ferreas
EM BAIXO: — Aspecto geral da Exposição e Feira Franca, tendo por fundo o Tejo magnifico

(Fotos «Ilustração»)



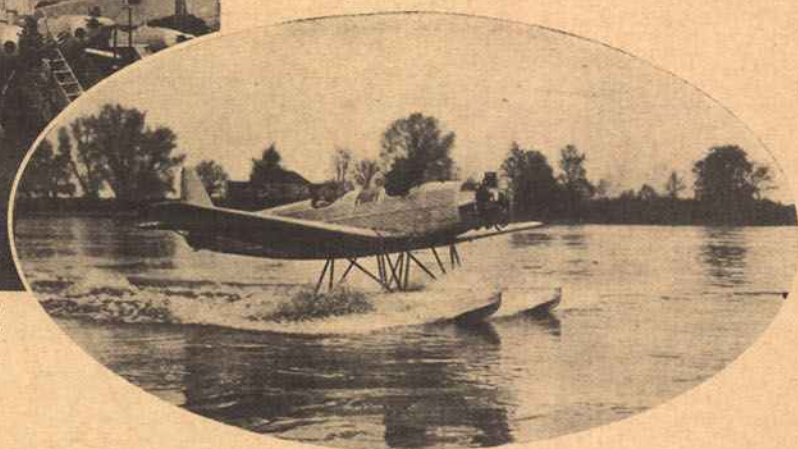


A ESQUERDA: — Oficinas da grande casa «Junkers», a famosa construtora de aviões, em que se fabricam e montam, em série, os novos modelos «Junkers Júnior A. 50», destinados ao turismo e sport aéreos

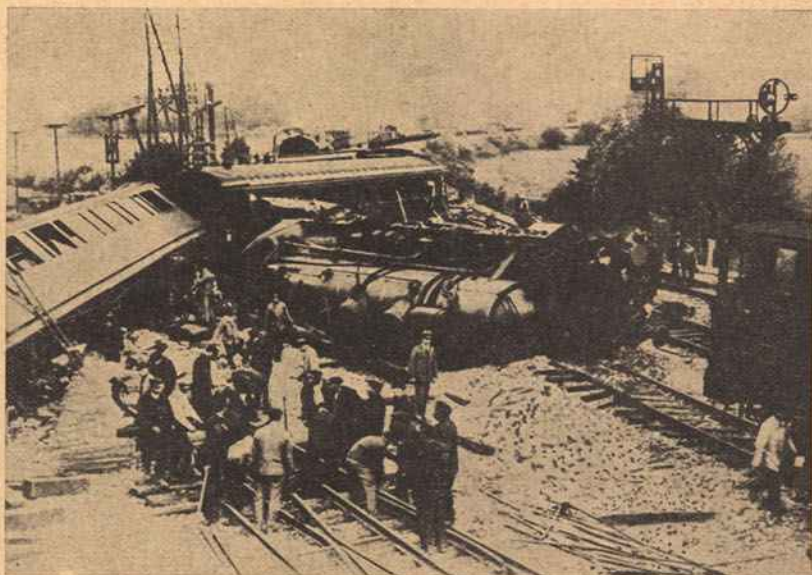
NO OVAL: — O «Junkers Júnior A. 50» com flutuadores que, em Dessau (Alemanha), bateu dois «récords» mundiais de aviões da sua categoria, atingindo 5,200 metros de altura com um tripulante e 4,200 metros com dois tripulantes. O piloto era o famoso Zimmermann e o motor, um «Armstrong-Sidley-Genet»

(Fotos S. A. P.)

A EXPOSIÇÃO DE BELAS ARTES EM MADRID. — O famoso escultor espanhol de Belas Artes reñiu este ano verdadeiras obras primas em todas as suas secções. A primeira medalha foi, este ano, atribuída ao insigne desenhista e gravador Castro Gil (no medalhão), pelos seus



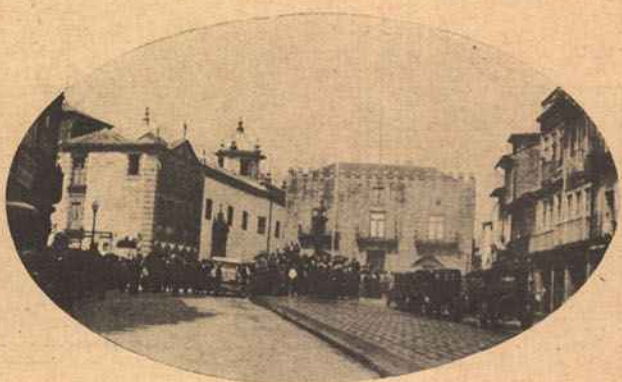
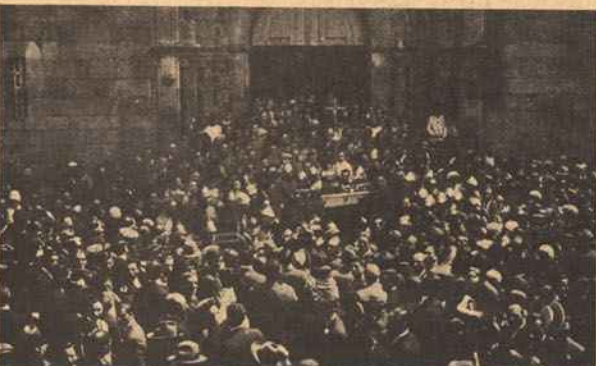
magníficos trabalhos, entre os quais se destacava a gravura a água-forte que reproduzimos e que representa a célebre Catedral de Malines (Bélgica), obra francamente elogiada por todos os sectores da crítica madrileña (Fotos Orrioz)



O rápido n.º 27, de Paris a Vintimilha, descarrilou perto da estação de Montereau, parece que por efeito de sabotagem praticada na via. Houve 7 mortos e 8 feridos graves. A máquina safu dos rails e tombou atravessada na via, arrastando o «fourgon» e os quatro primeiros vagões. Vista geral do local da catastrophe (Foto Orrioz — Madrid)

A ESQUERDA, em baixo: — Em Viana do Castelo. — O baptismo, na Igreja matriz, da nova auto-bomba «Northern», da prestimosa corporação dos Bombeiros Voluntários desta linda cidade

NO OVAL, à direita: — Experiências com as novas moto-bombas na Praça da República, em Viana do Castelo, após o exercício público festivo dos Bombeiros Voluntários, heróica e prestante colectividade daquela cidade (Fotos Pereira de Freitas)



UMA GRANDE FIGURA LITERÁRIA
QUE DESAPARECE

GABRIEL MIRÓ

Se há quatro meses, quando visitámos Gabriel Miró por última vez, alguém nos prevenisse do próximo fim da sua vida, é provável que nos tivéssemos sorriso com um marcado rictus de scepticismo. Miró aparecia-nos na plena posse das suas faculdades físicas e literárias. Alto, erguido e elegante, emanava de toda a sua figura prócer uma intensa corrente de vitalidade reconcentrada e de poderosa simpatia humana.

Apenas os seus olhos claros e leais, duma limpidez extraordinária, reflectiam certa tristeza impressionante e comovedora. Atribuimo-la à absurda campanha maquinada assolapadamente contra ele por alguns elementos ultramontanos, por causa da publicação de *El obispo leproso*. Mas Miró morreu novo—tinha actualmente cinquenta anos—como esses grandes escritores e artistas—um Shelley, um Larra, um Novalis, um Nobre—que a morte, em trágico deleite, quis e quere arrebatá-los com irritante e excessiva pressa.

Seria difícil, num breve artigo de revista, apresentar alguns juízos críticos, simples que fossem, sobre uma obra que, como a de Miró, apesar de não ser muito vasta, oferece, contudo, qualidades e virtudes de superior categoria. Só a análise do seu estilo e da sua prosa, uma das mais ricas e perfeitas da literatura castelhana de todos os tempos, exigiria um espaço e um repouso de que agora não dispomos. É preferível, pois, oferecer ao leitor português um breve sumário da obra de Miró, a título de informação.

O escritor sentiu nascer a sua vocação literária sendo muito novo ainda, aos vinte anos pouco mais ou menos. Escreve, por aquela época, dois livros, difíceis de encontrar hoje, nos quais, em verdade se diga, não pode lobiá-lo o formidável literato que viria a ser mais tarde. Intitulam-se estes dois livros *Hilván de escenas* (que nem sequer se menciona nas biografias publicadas agora, à sua morte) e *La mujer de Oféda*. São relatos pueris dum nível inclinado à letra de fôrma. Publicou mais tarde outros dois volumes, já muito superiores aos primeiros, *Del vivir* e *La novela de mi amigo*, que passaram quasi inadvertidos. Mas, quando o seu nome começou a soar no mundo literário com excepcional expectação, foi ao ser premiada em *El cuento Semanal* a sua formosíssima novela intitulada *Nómada*. Toda a gente ficou surpreendida com a profunda emoção e a força descritiva e estilística daquele relato. Trata-se, efectivamente, duma das narrações mais comovedoras e belas que a literatura contemporânea produziu. Mas Miró não era homem com aptidões para atraír a popularidade, nem capaz de se aproveitar daquele renome momentâneo; seguiu a sua vida austera e digna de solitário, afastado de cenáculos e tertúlias e alheio às lutas e ambições do mundo literário. Tanto amava a pureza integral da sua arte e era tão fina a sua sensibilidade de artista que não podia adoptar na vida uma atitude dinâmica e combativa. No entanto, em 1911, um novo romance, *Las cerezas del cementerio*, veio consolidar com firmeza os já sólidos alicerces da sua fama. Publicou depois uma nova obra, *El libro de Sigüenza*, onde há recordações enternecedoras e pormenorizadas da sua vida de colegial e narrações breves com descrições incomparáveis da paisagem levantina, que ele tanto amou e que constituiu o cenário permanente de toda a sua magnífica obra. Lançou depois à publicidade *El Humo dormido* e outras obras que, como esta, revelam um raro e singular temperamento de grande poeta que escrevia em prosa.

Nuestro Padre San Daniel e *El obispo leproso* são dois dos seus últimos romances, cujo cenário, Oleza, é na realidade Orihuela, povoação levítica e mediterrânea, situada numa esplêndida veiga levantina. Livros, nos quais se sente bem o profundo sentido religioso de Miró, contém, no entanto, justíssimos ataques à hipo-

crisia e ao fanatismo dos sectores jesuíticos, o que fez cair sobre o romancista, nestes últimos anos, o ódio surdo e irritado dos ultramontanos espanhóis, que empregavam, para o combater, processos inqualificáveis. Não os conteve nem sequer o facto de que fôsse ele o autor duma obra *Las figuras de la pasión*, impregnada de autêntica religiosidade cristã. Nos dois volumes de *Las figuras de la pasión* é onde culmina a arte literária de Miró. Escrita em pleno domínio das suas raras faculdades, a prosa chega aqui a escalar os mais altos cumes da língua castelhana. A par duma perfeição idiomática quasi sem rival, palpita em todas estas páginas uma emoção tão densa e viva que o leitor chega a

sentir no íntimo da sua alma a tragédia eterna de Cristo.

Esta obra conquistou-lhe a admiração sincera e fervorosa dos maiores escritores nacionais. Unamuno, Valle-Inclán, Perez de Ayala, Ortega Gasset e muitos outros, manifestaram rotundamente o seu sentimento admirativo.

Com a prematura morte do grande escritor alicantino desaparece, indubitavelmente, uma das figuras mais proeminentes da literatura espanhola. A sua perda é sensível para as letras, porque Miró produziria ainda alguns livros de vigorosa envergadura.

Não era escritor para grandes massas de leitores; a delicadeza e a ternura do seu temperamento, aliadas ao refinamento da sua linguagem, só o tornavam apto para o paladar cultivado das minorias. Agora, depois da sua morte, é quando começará a aquilatar-se, na sua exacta medida, o valor proeminente da sua obra. Duma análise serena, aguda e inteligente, depreender-se há que Miró ocupa na nossa literatura um dos primeiros postos. Para nós, está fora de dúvida que, como estilista, é superior a Azorin, e comparável apenas a D. Ramón del Valle-Inclán.

FRANCISCO PINA.



O último retrato de Gabriel Miró

MUSEU DO PRADO

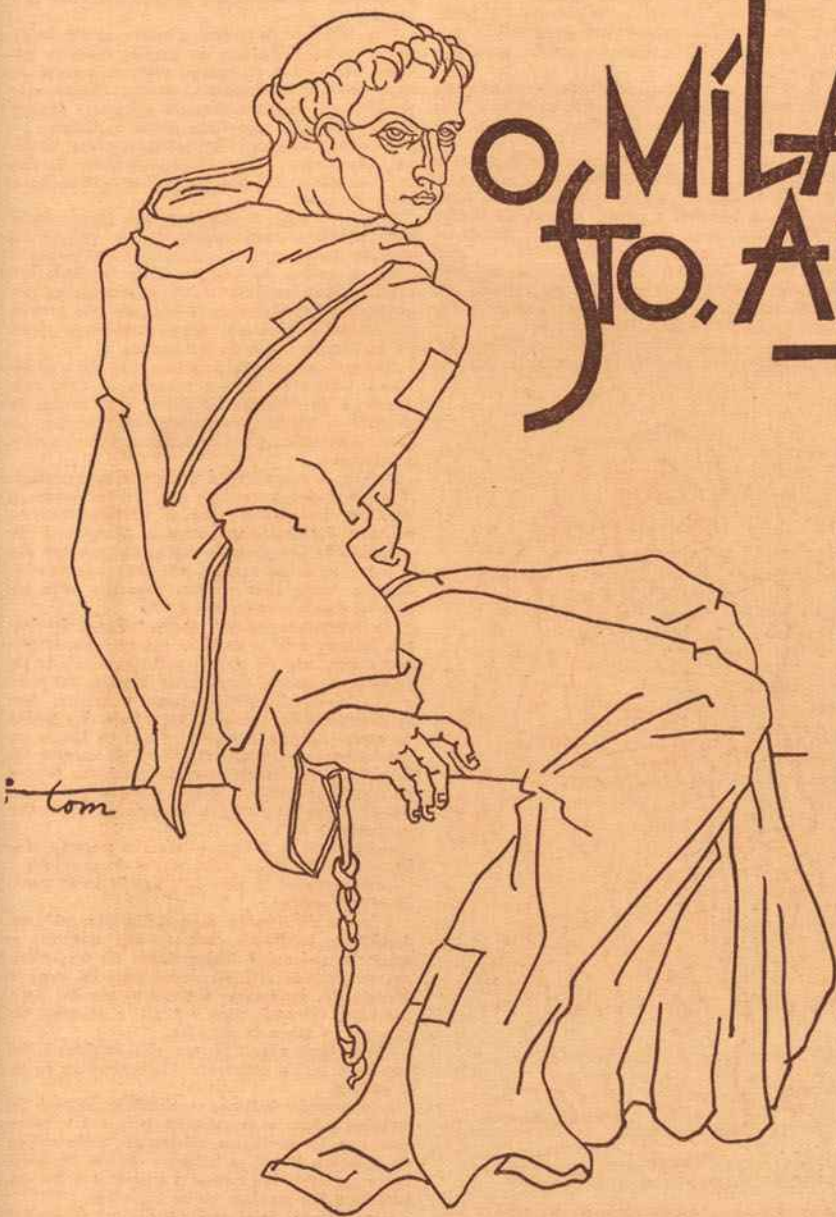
MADRID



FRANCISCO
DE GOYA
Y LUCIENTES

Os fusilamentos
de 2 de Maio
de 1808

O MILAGRE DE STO. ANTONÍO



Eu lhes digo com quem o caso se passou.

Foi com a filha do Roque da Inácia, caseiro das Mesquitas, no termo da Cidadella. Passou-se com a Aninhas do Roque, moça rústica, não o nego, mas tida e havida por mais esperta do que muita mestra de meninas desenferujada na cidade. Não tendo outro filho, colhendo medidas de sobejo, o tio Roque da Inácia primou nos dotes da sua educação: afêz-lhe a mão fina à agulha do *crochet*, não ao cabo da enxada; deu-lhe a cartilha do a b c e o livro da missa em lugar das alfaias da lavoura.

Pois a Aninhas, de certa data em diante, deixou de pregar olho noites e noites a fio. Primeiro desconfiada dos modos bruscos e das contínuas ausências do Tónio da Fonte—moço sardento e espadão a que por legítimos títulos se habituara a chamar seu. Por último, depois de obtida a certeza de que ele rentava a Joaquina do Zé do Adro—esse emplastro de arnica, tão dura de entendimento que nunca entrara com a carreira do a; esse dezreisinhos de gente que era o rôsto mais deslavado da frê-

guesia. A filha do Zé do Adro!—a delambida que só por ter o pai na posse de dois ou três prédios do morgado de Sandim, Deus sabe por que bulas, se atrevia a mostrar a careta na missa do dia!

Ai aquele Tónio! Se era coisa que lhe fizesse!

Antes de a apanhar na rede, não havia fidalga na vila apaparicada como a Aninhas do Roque—êlé chamava-lhe a sua pomba sem fel; êle não tinha por bonito senão o que ela trazia no corpo—tôdo palavrinhas açucaradas, dessas que aprendera no Porto enquanto cabo no r8. E era na missa e no baptizado, nas festas da igreja e nas feiras do mês—sempre a mimoseá-la que nem mordomo santa de grandes esmolas.

Para mais depressa levar a água ao seu moinho, todos os dias a puxar a conversa para o casamento. A seguir, o que se sabe:—hoje não, por não estarem os papeis na ordem; amanhã não, por esperar uns dinheiros do Brasil. E neste lance que se põe com os modos rudes—e a trazer palavras amargosas onde

dantes não vinham senão das dôces. E neste entremeses que entra a faltar nas Mesquitas, e a furtar-se-lhe na missa, e a negar-se-lhe aos recados, com escusas de mau pagador.

Se a bruxa de Escariz, a quem já se encomendara, lhe não acode nesta aflição, acabará de vez com a triste vida, que de nada lhe serve sem êle.

Sim, porque ali, o que havia—(nem precisava que a bruxa lho tivesse confirmado, ela futurara-o ao primeiro rebate)—era muita soma de inveja.

Fôra a inveja destas e daquelas, sem falar na das suas maiores amigas, que desviara o Tónio para longe.

De modo que, só a bruxa, com o poder das rezas e mészinas do seu conhecimento, poderia desfazer os enredos urdidos pelas enredadeiras.

—Hum... porque não. Lá nessa é que não se fiava—batia e rebatia, no balanço dos *quês* e *porquês* da retirada do conversado.—O Tónio não era nada o ambicioso que lhe queriam pintar. Ela sabia-o melhor do que ninguém: um rôr de vezes lhe jurara, co'a mão no fogo, a sua pena por ela ter alguma coisa de seu. Porque rapariga que levasse à igreja... queria que fôsse só pelo porte honesto e o palminho da cara.

E afinal, pensando bem, o Zé do Adro era mais rico do que o Roque da Inácia? Mais rico, não o negava—bastava-lhe ter nas unhas essa grandeza dos prédios do senhor morgado, fóra o ouro aos arráteis e as rimas de arcas atestadas de bragais. Sim, mas dava de comer e de vestir a quatro filhos, além da lazarenta da Joaquina. Ao passo que o Roque da Inácia, se não pagava ciza por êsses mundos e fundos em bens de raiz, não ia pedir esmola ao mais pintado para trazer um brinquinho a filha única. E só de cortinhas, muito suas, colhia para cima de dez carros de pão.

Depois, a sua madrinha—sem filho, nem filha, e no senhorio das melhores terras do sitio.

Os afilhados safam-lhe à rua, porta, sim, porta não? Mas tôda a gente o dizia no povo—era a ela, a filha do Roque da Inácia, o seu ai Jesus! que mais havia de contemplar no testamento.

Porisso não levava à paciência, nem à própria mãe, que andassem a pintar-lhe o Tónio com êsses ares de interesseiro.

—Rapariga!—insistia a mãe, a senhora Inácia do Roque, se a apanhava com a boca na botija:—Toma cuidado. Olha que o Tónio, o que quer, é pregar-ta e virar de rumo. Sempre é dos: da casa da Fonte... uns cubiçosos que não olham senão ao tamanho da tulha. E a tua é minguada p'ra semelhante avantesma.

Mas não. E agora, se alguma vez pudesse divida, tinha a prova certa disso—prova fornecida pelo próprio.

A Aninhas reconstituía e tornava a reconstituir essa prova, que eu passo a arquivar por ela.

Na véspera conseguira atraír o Tónio às Mesquitas—queria a explicação de tudo quanto estava ocorrendo.

O Tônio chegara ao dar da meia noite. Ela descera a recebê-lo no quinteiro. E nunca, ao que se deve depreender das sêdes do seu amor e dos alvoroços do seu coração, a Eva feiticeira, a que na escola superior do Paraíso tirou o curso de todos os verbos da graça e de todos os substantivos da sedução, nunca foi mais Eva, mais graciosa, mais sedutora, mais mulher. Devia ter-lhe enlaçado os braços ao pescoço. Devia ter sujeitado o torso másculo do esquivo ao brando afago dos seus seios leais — reclinando-lhe a cabeça no ombro, nêsse jeito amoroso da que quer ser vencedora a fingir de vencida.

A certa pediu, e suplicou, e chorou, na voz o arrullo da carícia, nos soluços a nostalgia dos beijos. E de certeza, antes dêle pronunciar o não decisivo, lhe cerrou a bôca sob o laço vivo da sua bôca.

E êle pronunciara o não, inacessível a beijos e prantos! O relapso soltara-se-lhe dos braços, voltara-lhe as costas, resumira sobranceiro:

— Bem sei o que tu queres! Cuidas que has de fazer de mim, o que fizeste do parvo do Guilherme Bento! Eu não sou o Guilherme, ouviste? — e desandou, sem mais palavra.

Êle não era o Guilherme! Como se ela alguma vez dêsse atenção ao Guilherme! Ali estava o fio do enredo — a inveja a tecer a mentira, a mentira a arredá-lo dela. Mas confiava na bruxa de Escariz, desde a cabeça do conchelo aos logarejos da serra acreditada como abelha mestra nas artes de desafiar as teias do Demo.

II

Estas coisas, e muitas outras omissas na escritura, pensava-as a Aninhas ao mesmo tempo que se vestia à pressa, no lusco-fusco do quarto de telha vã, alumada pela candeia de azeite. Por ser domingo, ia à missa das Almas na capela da aldeia, com licença de pai e mãe, e na companhia do Manuel Vicente — o criado dos mandaretês, rapazola de quatorze anos, azougado e ladino, por quem tinha cuidados de irmã mais velha. E ia à missa das Almas — Nossa Senhora lho perdoasse! — menos em atenção aos latins do senhor Padre Silvino, do que à necessidade de apanhar no povo a bruxa de Escariz, que descera a cidade-lha na véspera, para erguer a espinhela caída à mulher do Augusto da Emilia, entrevada na cama havia mais de dois meses, e que abalava para a sua terra logo ao romper do dia.

O alvôr amanhecendo tornava baço coágulo de leite a telha de vidro do tecto. A chama da candeia, bailando de minuto a minuto, fazia bailar a sombra de móveis e adornos. E agora, acordado a seu tempo o Manuel, vestida dos pés à cabeça, a Aninhas enfiou nas orelhas as suas melhores arcações de ouro e pôs na cabeça o mais vistoso lenço de sêda.

De maneira que, paramentada do bom e do melhor, o challe negro de merino aos ombros, a despeito dos calores de Junho, que começavam a animar as eiras, saiu do quarto sem o alarde dos dias de trabalho, chamou baixo o Manuel à porta do cubículo em que dormia, e descent ligeira as escadas do quinteiro — quinteiro e escadas mesmo afogados na dôce penumbra do dia ao nascer.

O Sullão, cantor de respeito para quantas donas e donzelas habitavam as capoeiras da quinta, soltava o dô de peito em louvor da estrela de alva. Nos estábulos da casa, os animais domésticos acordavam ao vibrar do sonoro clarim, trocando os bons dias da abrigação — a vaca a mugir e a lavar a cara ao vitelo tamaniño; a ovelha a balar e a servir ao anho o primeiro almoço; a cabra a saudar os companheiros e a prometer ao marido, naquela voz mimosa do nosso conhecimento, as melhores primícias da horta do tio Anastácio.

É verdade, e os cães. Também os cães entravam no côro com a irmandade dos da sua igualha — os das Mesquitas sacudindo a voz virados ao povoado, o do povoado clamando aos quatro ventos:

— Cuidadinho, ó gentes! Não vos enganais na porta! Isto não está no vosso nome! Isto está no nome do nosso senhor! O gentes, passai de largo!

O Carrusca era dos do coral. Sentindo, porém, nas lages da escaleira, os tãcos da sua

senhora marcando os compassos iniciais da marcha matutina, logo esqueceu os deveres do officio e saltou a prestar homenagem a quem de direito.

— Larga, Carrusca! Deixa passar! A intimativa foi sêca e terminante — a ponto tal, que o pobre galanteador quedou-se à raiz da escada, a ollá-lha desolado, orelha murcha e cauda em funeral.

E ai vai a Aninhas, de pagem à ilharga, de livro na mão, pé ligeiro e vulto ondulante, por entre taludes crespos de silvas e campos opíparos de milharais.

O vale de Vila Pouca segue quilómetros e quilómetros a direito, encostado às sentinelas que dia e noite lhe velam os tesouros — a serra do Rôxo a levantar, a poente a serra do Facho.

De súbito chega uns covados além das Casas da Câmara. Enxerga ao fundo o vulto senhoril das Pedras Salgadas. Então, educado no trato à antiga, abate-se em galharda reverência, descendo ao seu encontro de frente abatida — embora de face risonha e hospitaleira.

Assim, o caminho das Mesquitas a Cidadella, duzentas braças rasgadas na pendente das Pe-



dras Salgadas, descai ao geito da brusca pendente — o que deveras favorece o passo da peregrina.

O sino grande de Vila Pouca anuncia o dia recém-nascido. Daí a nada é a sineta de Cidadella a convocar os cristãos à missa das almas — em mercê do bemvindo, p'ra que Deus o proteja.

Tudo acordou já na montanha e no vale. O céu, agora, o primeiro a acordar, derrama das alturas translúcido orvalho côr de rosa — que orvalha de rosas o cariz negro da própria serra do Facho. E logo, não contente com isto, arma fino docel de ouro sôbre o fêsto da serra do Rôxo — talvez por esta trazer ao colo, como Santo António o Menino, a capelinha alva da Senhora da Conceição.

Acordaram árvores, giestas, silvas, milharais — uns e outros a bocejar, a estender os braços, a rezar matinas, a saídar a viandante.

E as silvas, que sempre se entrometeram nas vidas alheias, despertando estremunhadas, descobrindo a Aninhas do Roque, tentam retê-la p'lo chale.

— Que primor de pequena! — confessam, perdando-lhe a dureza de as sacudir sem vênia.

— Olha, e andou às cerejas — até se lhe pegaram à bôca! E veio às amoras — prenderam-se-lhe aos cabelos!

Sim senhor, os milhoas novos. Também êles presumem de menestreis à descoberta da primorosa.

Uns felinhos de palmo e meio, muito longe dos pendões galhardos de quando ensaiam paradas belicosas e de quando usam as espigas de ouro das idades heroicas. Apesar disso — empartigam-se na formatura de colegiais, piscam o ôlho brêgeiro, segredam daqui e d'acolá:

— Adeus, menina! Diga adeus à gente. Reparaí, camaradas: foi ao linho — trás-lhe as flores nos olhos. Foi aos junquinhos — vê-se-lhe o alvôr no rosto.

Mas isso sim. A Aninhas não escuta estes nem aqueles — nem escuta o cuco de Aveiro que lhe diz os anos de solteira. Muito menos o gaio, o guloso de sempre, êsse inteiramente alheio àquela melodia flébil de redondilha popular, êsse grosseiramente ocupado nos protestos roufenhos contra o boneco grotesco de guarda às cerejas bicais da madrinha.

É que o coração da Aninhas vai todo o caminho a falar com ela — a falar-lhe do Tônio da Fonte, e da Joaquina do Adro, e da bruxa de Escariz, e, sósinho, fala mais alto e melhor do que a assembleia geral de todos os seres criados e criadores.

— Não, a culpa não é do Tônio, não senhor. A culpa é das inzonzearas que lhe encheram os ouvidos. Imagine-se — até o convenceram da mentira do Guilherme Bento! A culpa é da sumitica da Joaquina do Adro, que por ter cão à porta se julga rainha. Ah, mas a bruxa de Escariz há-de lhes cantar, repondo tudo no direito, dando o seu a seu dono!

Na representação das scenas mestras do drama íntimo, sob o cenário externo concertado a preceito, não dá sequer pela proximidade do rebanho de casas, com pastor à vista, do povo e capela de Cidadella — povo e capela, que considerados do caminho, rompendo das faldas da serra, se nos afiguram presas ao flanco da montanha pelo cordão umbilical da cascata da Ruidoura, a despenhar-se de trezentas braças de altura no pôço do Bodal, cascata que é um fio de linho no Junho e no Janeiro avalanche de neve.

— Aninhas. A bruxa! — officia o pagem, quebrando o silêncio, a cem passos do povoado.

— É verdade! É ela, é! Quando Deus quer, já se vai embora.

A bruxa de Escariz, mais douta que qualquer Academia, habilitada com as mil sciências e artes da mui nobre Universidade da Experiência, sentindo-se alvo da expectativa da moça e do faquete, fez estacar o jumento que lhe dava montada, voltando para o grupo a carranca de coruja e os olhos de doninha.

— Tia Gertrudes! Já me não conhece? Eu precisava muito conversar consigo antes de se ir embora.

A veneranda doutora, no domínio do caso da Aninhas — logo a reconheceu pela voz e pelas maneiras. De modo que, ali mesmo, empoleirada no jumento, entre os alforjes obesos de dádias e aprestos, lhe tornou a auscultar o doc do coração e lhe receitou novos bálsamos.

Sim senhora. Ia-se embora, por ter de acudir também à desgraçadinha de Bornes, tollida desde as castanhas com um ar que lhe deu. E por ser longe e mau caminho não podia estar com grandes demoras. Apesar de tudo, de boa mente a servia. Ah, não tirou proveito das rezas aconselhadas?! Sim senhora. Ela dava-lhe outras, que não falhavam. E ali mesmo, de facto, lhas aconselhou, o Manuel afastado uns côvados do consultório. Ah, bem. E não havia lá em casa um Santo António? Ela cedia-lhe um que tinha a mais, e que lhe mandava p'lo custo — pois em certos casos, sem a ajuda de Santo António, nem Deus obrava o milagre.

III

O que aí fica escuritudo, como já se disse, teve curso no mês de Junho. Depois disso decorreu todo o Julho, com os seus tórridos calores; todo o Agosto, com as suas faultantes romarias; todo o Setembro, com as suas jocundas vindimas. O mês de Outubro, emudecidas as cantigas das desfolhadas, as águas novas a

afugentar o homem dos campos e a desviar o grão das eiras, está, vai não vai, a entregar a alma ao Criador. E a pobre da Aninhas, mais tristonha do que a fonte do cipreste nos dias da

quele martírio! Nem méshinas, nem rezas, nem mandados. Apanhara a terra da pégada do pé esquerdo do Tónio e fôra levá-la à meia noite ao cemitério — e o pé dêle nem porisso o conduzia às Mesquitas. Fizera o boneco de farrapos, com o nome do Tónio, picara-o um rôr de manhãs com o alfinete no coração, chamando três vezes por êle a cada picadela — e êle nem lhe ouvia o chamado, nem se sentira do alfinete. Cosera a pontos de agulha a bôca dum sapo numa panela, acompanhando tudo da reza, rezada três vezes: «Que o Tónio não possa comer, nem beber, nem andar, enquanto comigo não vier falar, Padre Nosso, Avé-Maria, em louvor da Virgem Marias. E o resultado vira-se — nem sequer punha os pés na missa do dia, para a não vêr. Quanto a Santo António, já não tinham conta as novenas desfiadas desde Junho. E lá estava no poço do quinteiro, seguindo à risca as lições da bruxa, enforcadinho na corda benta e com água p'lo pescoço.

Não lhe tendo feito o milagre à primeira novena e à primeira méshina, botara-o na água p'los joelhos — à espera que a atendesse. Segunda novena e segunda méshina, a mesma coisa. Então pusera-o com água p'la cinta. Agora, p'ra maior castigo — e Nosso Senhor bem sabia quanto aquilo lhe custava! — lá o tinha mergulhadinho até à cabeça.

Mas a respeito de milagre... nem sombras. A maior prova deu-lha nessa tarde, rezadas as graças do jantar, o Manuel Vicente, que se abeirou dela e noticiou sem mais aquelas:

— Sabe, Aninhas? Diz que os dois se arrecebem p'ra depois do entrudo.

Malho que lhe tombasse na cabeça, puxado a rijo pulso de malhador, não a deixaria em mais completo aturdimento.

E foi preciso varrer os fumos e a zoeira dos sentidos, para outra vez se apegar à virtude dos mandados — e desta vez, pronto! ela era sua amiga, devia querer o seu bem, recorria à bondade da madrinha para que mandasse alguém ou fôsse em pessoa falar ao Tónio e decidir da sua grande desdita.

Pelo que, antes do toque de Trindades, o lenço ao acaso, o chale sem garbo, o instinto feminino do garridismo perdido nas brumas da aflição, ela decide-se de facto pela intervenção da madrinha.

Claro. A madrinha tinha ôlho sagaz. A madrinha sofrera de amor. Porisso lhe pôs logo os pontos nos l. Ela era o raminho fresco de jasmim. A outra o tôsco vasculho de giesta. Mas o Tónio, o que queria, não era mulher geitosa. Botassem-lhe as cartas na mesa com duas dúzias de carros de pão, fôra o resto, e êle logo se desembaraçava, desenredado. Se o pai dela, o tio Inácio, estivesse p'los ajustes! Sim, visto não poder passar sem êle, o que ela faria, por ser sua madrinha, era entender-se com o Tónio e com o pai.

A Aninhas recolhera a casa tímida de confiança, os fulgores da vida a dealbarem-lhe as meninas dos olhos — e nessa noite transferiu carinhosamente Santo António das profundezas do poço para o nichozinho recatado do seu quarto de dormir.

Quinze dias transcorridos, porém, chega do povo o Manuel Vicente e dispara à queimadura:

— Aninhas! Diz que já andam a tratar dos papeis.

Neste lance, em desastinado desvaio, o repente supersticioso a aligeirar-lhe os movimentos, Santo António regressou ao poço. Feito isto a dolorosa dirigiu-se ao quarto das arrumações — onde tinteiro e pena dormiam debaixo de espesso lençol de poeira. E sem mesmo levantar a poeira, escreveu à madrinha duas regras. Não foi além de duas. O que lhe disse, só a madrinha o soube. Mas aguetia-se à regra do verosímil conjecturar que lhe falou em morrer — atendendo aos negrimes da morte, nublados os fulgores da vida, que lhe turvavam os olhos.

O Manuel segue com a carta à destinatária, obrigado a deter-se à espera da resposta.

Daf a pouco reaparece, muito murcho, de mão a abanar.

— Então?

— Nada. Diz que depois lhe contará.

A noite da desolada não cabe na pobre folhinha das suas efemérides. A luz da manhã encontrou-a ainda de joelhos, lançando a voz, o gesto, as lágrimas, à busca da misericórdia de

Santo António — protestando colocá-lo em altar perpétuo na hora ansiada do milagre.

Nem de propósito: — a pobre desvaída está com o coração em carne viva. E vai o tio Roque, sem mais nem menos, acaba de lho rasgar ferindo-a justamente na sua aflitiva miséria.

— Ah, sim? Êle é isso? Todos me escorçam?

Sem confissão nem despedida precipita-se escaleira abaixo. Não leva o lenço do costume. Nem mesmo o chale da estação.

Arremete direita à serra — à serra grave e austera, arripiada de penedos, que nos fins do Outono, nos dias fuscos de sombra, põe por tocado crepes funerários. Salta ladeiras e barrancos, de cara à cascata da Ruggedoura, nesta época fazendo crêr que a montanha enguliu rios de leite, se engasgou na sofreguidão, e os vomita com ansiado fragôr — tôda a fronte contraída nas agonias do vômito.

Ainda a Aninhas não teria avançado duzentos côvados na rota da Ruggedoura, o seu mensageiro, o Manuel Vicente, descobre à entrada da tulha a madrinha em pessoa, ao lado do Tónio da Fonte, este muito festivo sob as vestes de vêr a Dens. De ouvido à escuta, ouve-os ensaiar com o tio Roque acôrdo de monta respeitante ao futuro da ausente. E larga à procura da Aninhas no engêdo das alviçaras da boa nova.

— Aninhas! Aninhas!

Um moço de bois diz-lhe que meteu pouco antes p'ras bandas do povo. Um lavrador na arada aponta-lhe por itinerário certo os crespos maninhos da Ruggedoura.

Êle corre, êle investiga, êle brada, no presentimento de desgraça, os alcantis a responderem-lhe aos brados aflitivos.

Nisto, enxerga-a a distância, já a marinhar os ásperos pendores donde a torrente de leite se despenha no abismo.

Brada mais alto. Ela detém-se na marcha, olhando para trás — tal a mulher de Loth sentindo os clamores de Gomorra.

E quando o Manuel, a cem passos, lhe bate o pregão da embaixada, como louca, galga os despenhadeiros, arremete no rumo das Mesquitas.

Mas antes de enfrentar o namorado, entra no quinteiro. Alça o santo do poço. Recondu-lo ao quarto. Ajoelha no chão. E agradece, convicta:

— Obrigada, meu Santo António. Bemdito e louvado sejas pelo milagre!

SOUSA COSTA

(INÉDITO).



(DESENHOS DE TOM)



canícula, a definhar a olhos vistos a cada mês que o tempo leva.

No vergel dos vinte anos e tudo a dispôr-se-lhe em aridez decrepita de charneca. Dantes tudo lhe sabia bem, sem tirar o mal que lhe não viesse do Tónio. Agora já nem havia bem que lhe chegasse ao coração.

Fôra dois invernos atrás que começara o namoro com o Tónio — ao rufo dos pandeiros nas loas do Menino Jesus. A neve desatou a cair logo adiante, nos Reis. Pois a neve era chuva de rosas cada vez que caía com êle a seu lado. O frio cortava como navalha de barba. E o frio, mesmo o de horas mortas da noite, se o esperava na varanda para a conversa, sabia-lhe melhor do que o bafo da lareira. Magoava-se na escaleira, feria-se nos pés, êle a pôr-lhe a mão na ferida. E era a própria dôr a afagá-la no corpo e alma.

Agora... ao contrário, até o pão, até o leite, até o mel lhe amargavam a fel — à míngua do tempêro dos beijos, que tudo adoçavam ao seu sabor.

Aí estava, para exemplo, a cascata da Ruggedoura. Com a cheia das águas novas rugia capaz de atormentar terra e céus. Nesta quadra as suas rudes vozes à certa a arripiavam de medo — como vozes do outro mundo convocando-a para o único repouso. E nos outros invernos, quando os rugidos lhe vinham ao ouvido acalentado pelas promessas do galanteador, isso sim! não lho melindravam mais as fagueiras queixas da rôla no pinhal ou as doces modinhas da avena do Zé pastor.

Ah, a sua vida! E ninguém a arrancava da

A CARLOTINHA DE BRAGA

(INÊDITO)

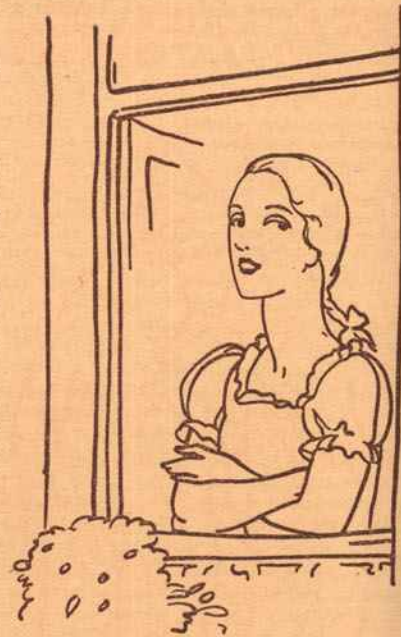
Se houvésseis conhecido a Carlottinha de Braga!... Mas, aí de nós!... Rolaram já apressados os tempos desde esse frescor juvenil, irrequeto, chirlante... Esse bem só apreciado quando caducamos! A Carlottinha de Braga! Estou a vê-la: tãful, muito apegada a Santo António de Lisboa, por almejar noivo moço. Um noivo! Um brinquedo!... Se a Vida lhe era um brinco! A Carlottinha estava nessa idade magnífica fazendo-nos considerar a felicidade tão natural como a respiração. Essa quadra magnânima da Vida cujos favores constantes nos não atemorizam! A juventude!... Mais tarde, sopesamos o preço dos benefícios. Somos felizes?!... Mas pensamos: «Quando deixaremos de o ser?!» A Morte ceifa... ceifa... Lá foi um, outro; outro ainda... E da nossa alma querem expandir-se braços protectores que batem tão puerilmente o vácuo como dedos tentando captar fumo! Sabemos que jámais veremos a mesma luz animadora desses instantes torturando as recordações. Que jámais veremos duas vezes o que nos é afável pelo som, pela cor, pela forma: facetas do carinho, inseparáveis, porque a voz falamos amigamente é tão opulenta de delícias como a música, ouvida de olhos cerrados e a dar-nos horizontes, locais, ternuras, impossíveis, por serem fúgaces tódas as carências dos séres mais ditosos! Ser feliz e carecer; carecer ao menos de estabilidade: as primeiras cans... A juventude: desejar as lástimas da novidade...

A Carlottinha desejava marido. Imagine-se!... Um marido autêntico, talvez brutal, talvez tonto ou pusillânime ou volúvel... Enfim, um homem

vivo, ressonando, praguejando, tossindo, ordenando... Com manias mimismáticas ou políticas! E para conseguir tal ventura a Carlottinha possuía um Santo António de barro, sádio, com o Menino anafado e cabeludo espetado no livro duro mas parecendo sentir-se confortável. A Carlottinha arrebicava-se; estava sempre, quando não ventava ou chovia, à sacada da sala, bem penteada, atenta, vigiando a rua empedrada e calma. Os seus cotovelos pareciam de lixa. De vez em quando lá soavam os tamancos de alguém do povo, o rodar dum carro de bois com a chavelha rangendo, os passos lentos dum cônego... Quando a noite vinha a Carlottinha ia para o tocador. E vá de polvilhar-se, de puxar e repuxar os caracóis! A sua janela de segundo andar era célebre, com um caixote denegrido, do qual igualmente ansiosa, mas de sol, se empertigava para os beirais inclementes uma nespereira raquítica.

Não havia função sem a Carlottinha, que dançava a polka muito bem e recitava com a tortura necessária a «Harpa do Crente». Tinha fama de namoradeira e possuinte de boas roupas de baixo. Véspera de procissão ou baile, e, do parapeito carcomido do balcão, pendiam, para enrijar infalivelmente, as sáias de percal bem gomadas, de folhos e rendas; essas sáias, as quais quando vestidas, deviam fazer um ruído apreciável de papel amachucando-se, e, quando despidas, se mantinham de pé tão hirtas e alvas como espectros.

A Carlottinha adorava Santo António. Espantava-o; lavava-o. Limpava-lhe com limão o diadema fulgurante... Mas, vá de ser brindada com um noivo! Um santo tão casamenteiro! Porquê?! Então, desesperou-se. Disse palavras feias ao milagreiro; até o tratou por tu! Inclemente e ansiosa retirou o santo da prateleira florida; pô-lo debaixo da cama. Os dias passaram e nada! A Carlottinha concebeu novos tratos de polé. Assim como assim sempre queria vêr se esse velhaco lhe não faria o que lhe era



tão fácil. Ela sabia haver santos a quem se deve falar duma maneira ríspida. São Pedro, por exemplo; não porém Santa Rita. É preciso conhecê-los!

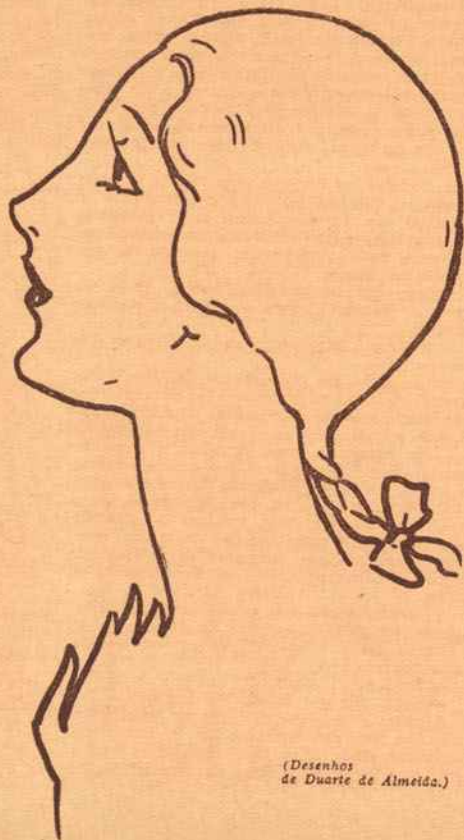
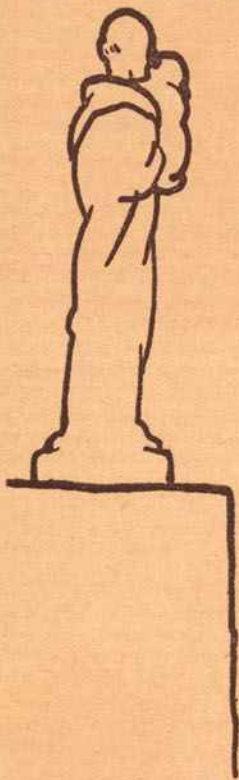
A Carlottinha que é hoje mãe de três filhos, contou-me tudo isto outro dia. A Carlottinha! Já não usa sáias de baixo tésas! Usa uma tanga curta e mole como um esfregão molhado. O carmin sádio da tez e dos lábios, trá-los agora numa bocêta, na malinha, com as chaves. Do seu penteado comante, azevichado, de onde caíam os adornos de tartaruga quando pulando as mazurkas alacres, resta-lhe uma grenha de amanense poético, polícroma pela variedade das tinturas. É a caricatura da Carlottinha! É a velhice... Um arremêdo da Vida!...

Ela ia sempre contando, mas medrosa. O marido era tão ciumento; Batia-lhe... «Ah!... Que vida!» E ainda por cima era-lhe infiel! Mas que fazer! São homens...

Ela olhava a porta, temendo a vinda do consorte irado. A filha, a Chuchinha, acercou-se, participante dos temores maternos. Se o senhor soubesse!... Ainda ontem o papá esmurrou a mamã! Estava rubra de bailar. Tinha a idade em que a Carlottinha se debruçava sobre a rua bracarense. Fisicamente não se parecia com a mãe mas moralmente. Tinha por Santo António o mesmo culto. Como ela desejava noivo. Se D. Carlota era sempre a mesma devota do magnífico finado de Pádua! Não assistira a um grande milagre! Recomendava o santo às amigas. Não havia melhor. Se a filha lhe não seria apegada!...

E nessa noite, em casa das Marques, D. Carlota detalhava-me o milagre. Ia contando que não podendo mais com esse manhoso Santo — vá lá a gente fiar-se na fama! — um dia o pôs na carvoeira, de cabeça para baixo. E nada! Nada sempre! Até que num momento de fúria lhe pega com as mãos iradas. O poleado místico e o Menino, negros como um basculho, pareceram móf-la. «Zás... trás!...» A Carlottinha bateu-lhes. E depois, ei-los aí vão pela janela fora! Zumba!... «Aii!... Aii!...» foi a rua serena atroadada de gritos. Mas o que era?! A Carlottinha, a mãe, a criada foram ver da sacada da nespereira. Na calçada, rolando na bosta, gemia um transeunte.

Baixaram as mulheres; trataram o padrecente. Chamava-se Adolfo. «Adolfo!... Carlota!...» Mas o que fóra?! Fóra o bom Santo António que rachara a cabeça no que é hoje o marido da que foi Carlottinha, que entrava nessa noite em casa das Marques e dizia carrencado à mulher: «Vens daí ou não?!»



(Desenhos de Duarte de Almeida.)

JAIME DE BALSEMÃO.

a estatua ôca

EPISÓDIO INÉDITO DA ESTADA EM PORTUGAL DO ILUSIONISTA BOJERSON

(Continuação)

pele REPORTER X

Pouco a pouco o grupo, único formado pelo Marquês e pelos convivas foi-se subdividindo e espalhando pelos cantos. A criadagem mostrava grande actividade na distribuição quasi continua de licôres; e os licôres, avivando as faces daquela gente tornavam-na mais loquaz, mais alegre, numa animação, de principio apenas barulhenta e por fim a ameaçar tornar-se escandalosa.

O dinamarquês de mãos cruzadas atrás das costas sirandava, sem repouso, e os seus olhos luminosos, optimistas, reboavam-se nas órbitas, em miradas de disfarce para os espelhos, sem perder um só detalhe do conjunto da festa... Mas a sua mais atenta observação era para as duas senhoras, que durante todo aquê tempo não tinham merecido uma só palestra, mesmo protocolar, de nenhum dos hóspedes. Muito juntas uma à outra, silenciosas, abstratas, assistiam a tudo aquilo como se nada vissem, como se nada escutassem...

E os espelhos, pouco a pouco, foram agrando as suspeitas de Bojerson... A aproximação do Marquês produzia sempre nas duas senhoras um ligeiro movimento, um pestanejar, uma crispação de rôsto tão vaga que só podia ser apercebida pela agudeza visual de Bojerson; e quando, êle passado, se afastava, entreolhavam-se e tornavam à sua imobilidade esfingica... Por seu lado o Marquês, se por acaso se sentia vigiado pelo artista, ao roçar pelo grupo da madrinha e da filha olhava-as carinhosamente; e quando, sem suspeitar da bisbilhotice cúmplice dos espelhos, se julgava livre da observação de Bojerson, o seu rôsto tomava ar duro, quasi ameaçador... Por duas vezes, Bojerson bem o vira, agitara os lábios no murmúrio dum segredo que levava aos rôstos das duas damas a expressão de quem recebesse na carne uma picadela inesperada de alfinete...

E mais notava ainda o dinamarquês: que desde as onze horas que a mais nova, a Celeste saltara para fóra do seu recolhimento de melancolia, seguindo com mal disfarçada impaciência o lento movimento do ponteiro dos minutos dum grande relógio holandês que latejava sonoramente próximo dela.

As onze e meia entrou um novo personagem... Era um moço aloirado, de franzina compleição, mas de porte distinto, olhos enormes, luminosos, os cabelos manchados de branco na fonte, como que assinalado por um capricho da Natureza, e uma precoce ruga, traçada em recta na testa alta e nobre. Diseram um nome: o dr. Oldemiro de Azevedo... E ao escutá-lo, as duas senhoras entreolharam-se, num primeiro olhar feliz da noite; o seio pequeno e redondo de Celeste e o peito chato e ossudo de Leonor, arfaram. O Marquês reviravoltara-se e não tivera tempo de apagar a sombra que lhe toldara o rôsto e que, frente a Bojerson, exhibia sem disfarce... Depois, affectando indiferença avançou para a madrinha, de polegares acolchetados nas algibeiras do colete... O ilusionista lamentou que os espelhos não podessem trazer-lhe o som das palavras como lhe transportavam aos olhos as visões dos rôstos e dos gestos... Mas mesmo assim advinhou, melhor, escutou duas frases sobresaldadas do jacto, curto, colérico, sussurrado, que o dono da casa dirigira às senhoras... «Hei de saber quem o convidou!» e «Agora, cautela, ouviram?»

O acolhimento que o dono da casa e convivas dispensaram ao recémchegado não era, evidentemente, de simpatia. Limitara-se, quando muito, a uma frieza correcta... Só Bojerson, mal se fez apresentar, afixou aquê um sorriso ingénuo com que costumava embrulhar as suas ousadias, lançando-se, a seguir, como que num mergulho, na intimidade do jóvem dr. Oldemiro de Azevedo... Surpreendeu-se êste, ao principio, por se sentir tão bruscamente enlaçado pela palestra do ilusionista... Mas snavisava-lhe o isolamento em que o abandonavam e por isso não tardou em ceder e a retomar o seu à vontade com o à vontade de Bojerson.

— Há muito tempo que o *sinhorre dô-torre* é visita do *sinhorre Marrequês*?

— Há pouco, sr. Bojerson, há uns meses apenas. Um acaso de visinhança e um acaso profissional... Vivo a dois passos daqui... Uma noite a sr.^a D. Leonor sentiu-se muito mal. O sr. Marquês estava ausente de Lis-

boa... A sr.^a D. Celeste, na sua legitima aflição de filha mandou um criado chamar o primeiro médico que encontrasse. O mais próximo, era eu...

«Quando o sr. Marquês voltou encontrou-me a tratar da madrinha; e por um escrúpulo, aliás muito natural, dispensei imediatamente os meus serviços clínicos visto que o acompanhava no regresso da sua viagem, o médico assistente, e amigo seu da maior confiança... Era natural, repito... Mas, não sei porquê, tive a sorte de inspirar tal fé na doente que esta, em segredo, para não contrariar o afilhado, me pediu para que, sob o disfarce de visitante, a viesse ver a miúdo... É uma ilusão sobre o meu valôr que muito me lisonjeia e a que não posso furtar-me... Eis a razão porque aproveito todos os pretextos para entrar nesta casa...»

Sugestionado ou não pela simpatia de Bojerson, o jóvem médico confidenciava-se num extremo de revelações que a curtez do seu conhecimento com o artista não explicava; e contudo Bojerson presentia, aqui e além, certas faltas de sinceridade... Advinhava-se que o dr. Oldemiro tinha a necessidade de desabafar; que o ilusionista conseguira impôr-lhe uma rápida confiança, mas que êle se dominava a si próprio nos momentos em que êste desabafo ia esclarecer a verdade máxima da sua situação naquela casa.

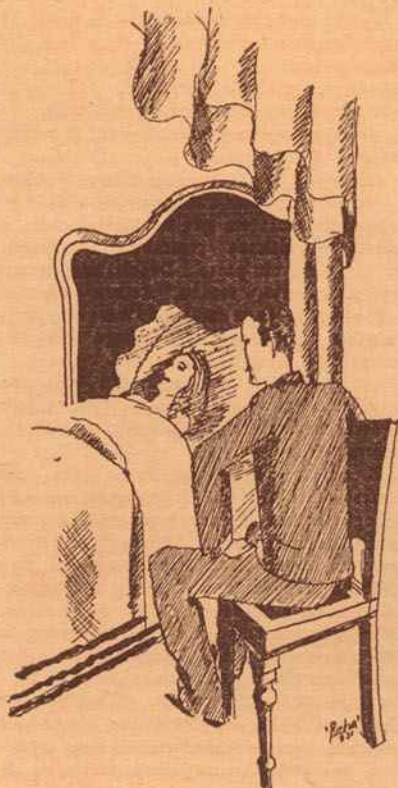
Estava o dr. Oldemiro no vão de uma janela, frente ao canto onde D. Leonor e a filha se sentavam e Bojerson de costas para elas. Mas os seus olhos não se afastavam muito dum espelho que furava a parede da sala vizinha; e por êsse espelho, é que, recolhendo os reflexos de outros dois ou três, Bojerson dominava a acção de todos os personagens.

A melancólica Celeste fitava, como que numma hipnose o jóvem médico e nas suas faces alastrava-se, viva e quente, uma mancha de côr; e o jóvem médico, conversando com Bojerson recolhia, todo inteiro, o olhar de Celeste. Por seu lado o Marquês, saltitando de grupo para grupo, vigiava preocupadamente o médico e a filha da madrinha.

— Mas a *senhorra Dona Leonorre* está já de boa saúde, verdade? — perguntou o ilusionista.

O dr. Oldemiro abanou a cabeça:

— Pobre *senhora*... Tem a vida por um fio, apenas por um fio. O seu coração é já um simulacro de órgão... São os seus próprios nervos enfermos num desequilíbrio que



a fazem viver para além do previsto pela ciência... E o mais doloroso é que tem um horror doentio pela morte, feito pelo grande e exagerado amor que nutre pela filha... Basta, muitas vezes, uma fotografia representando um entêro ou simples desenho duma caveira para a agitar em uma crise perigosíssima... O menor descuido, uma comoção, por ligeira que seja, travará para sempre o seu coração e...

Suspendeu, de subito, a frase — admirado da metamorfose exteriorizada no rosto do ilusionista. O seu sorriso eternamente afivelado, aquele ar bonacheirão e ingénuo — tinham desaparecido bruscamente. Os olhos dilatavam-se nas órbitas; os punhos enormes crispavam-se como que numa ameaça; os lábios moviam-se como se quisessem soltar um grito que ficasse, a asfixiá-lo, na garganta:

— Sente-se mal, sr. Bojerson?

Bojerson deu conta da sua imprudência; retomou o sorriso; espalhou de novo pelo rosto o seu ar bonacheirão e ingénuo — desculpando-se...

— É quasi meia noite... Os meus ajudantes devem *terre* chegado já — e eu tão *entretenido* a *conversar* com o *sinhorre dôtorri* — esquecia-me que tenho que *trabalhar*...

Fez uns salamalêques como se estivesse à frente do público e afastou-se em direcção à outra sala; e afastando-se, murmurava, de dentes cerrados:

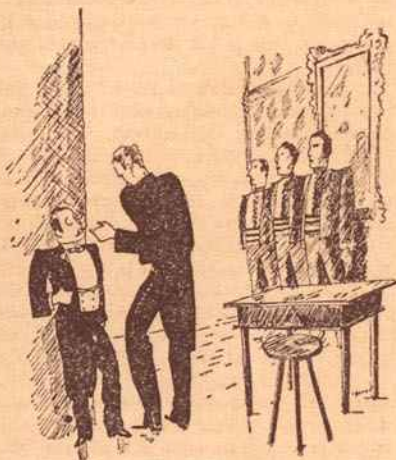
— *Agorra* compreendo tudo! Bem me adivinhou a *corração*! Ah! Mas Bojerson é mais *esperito*, muito mais *esperito* que todos os *marrequezes*... E Bojerson não costuma *deixar* os *malandrões* *fazerre* poucas *verregonhas* com seu conhecimento... Bojerson ainda se vai *rirre* do *sinhorre marrequez*...

CAPÍTULO IV

A CARTA, O MÉDICO SIMPÁTICO E A TRISTE CELESTE

A meia noite em ponto Karl, Franz e Herbert, os três discípulos predilectos do bruxo ilusionista começaram a preparar o material para os fakirismos sensacionais do mestre.

Na vespera, obedecendo ao marquês que exigira, numa teima infantil, o número predilecto do repertório de Bojerson — o do «Esquife do Thibet» — tinham retalhado o soalho, abrindo alçapões, tão habilmente



serrados que nem a linha dos cortes, nem uma frincha sequer os denunciava. O improvisado palco fôra escolhido também pelo dono da casa — a poucos passos onde deviam depois acantoor-se D. Leonor e a filha...

Sob o comando dos ajudantes de Bojerson — os moços foram montando as mesas, as caixas, os tripés... E de entre portas Bojerson, encarnando já o «dominador das plateias» assistia aos preparativos.

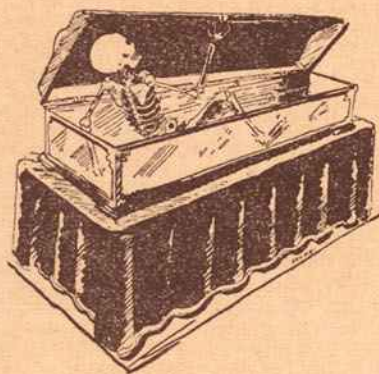
Quando Karl, Franz e Herbert se perfilaram, enluados e marciais, aguardando a chegada do mestre — acorreu-se dêste o dono da casa:

— Creio que não se esqueceu da minha mais interessada recomendação — direi mesmo da minha mais ardente súplica...

— ?

— A morte do «Esquife do Thibet»...

O marquês de Mantelo tentava aparentar uma calma que o tremor das mãos e as contrações faciais desmentiam.



— Oh! *sinhorre marrequez* — eu podia lá esquecer-me de *recomendações* de *Vossa Excelência*...

— É que não vejo o ataúde...

O ilusionista soltou uma gargalhada:

— Que impaciência meu *Deosse!* O *caixão* *aparecerá*, *descanse*...

Calçara as luvas brancas; esticara o colete — pronto para fazer a sua aparição e acolher, com uma vénia em que se dobraria todo, a salva de palmas preambular... Chegou mesmo a dar um passo... Depois, num brusco arrependimento, recuou, deixou cair as mãos sobre os ombros do marquês, prendendo-o, imobilizando-o... E logo a seguir, casquinhou novas gargalhadas:

— Descanse... *descanse*... Eu não me esqueci... Vai ver como eu vou *fazerre* hoje a sorte do *Esquife*... É dedicada ao *sinhorre marrequez*...

E repetiu as mesmas frases duas, três vezes — ante o pasmo do marquês, que não atingia aquele inesperado exagêro e quasi abuso de intimidade... Mas enquanto fonografava o seu disco disparatado — os seus olhos bogalhudos apontavam-se imprudentemente para além do corpo do dono da casa... E o marquês notou-o e quis desprender-se daquelas garras que o fixavam ao chão e que o inibiam de se reviravoltar...

Entretanto o jôvem dr. Oldemiro, que fizera várias e vãs tentativas, desde sua chegada, para se aproximar das duas senhoras, aproveitando as poucas distrações do marquês — acercava-se agora, cautelosamente,

de Celeste... Os espelhos tinham-o comunicado imediatamente ao dinamarquês a novidade no preciso instante em que êste se preparava para abandonar os improvisados bastidores de entre-portas... Que pretendia o simpático médico da melancólica filha de D. Leonor? Era o que Bojerson ansiava surpreender... Mas a curiosidade não o observava ao extremo de se olvidar do marquês... Era preciso que êle visse o que se ia passar — evitando, ao mesmo tempo, que o dono da casa o presenciasse...

O dr. Oldemiro circunvagou a vista... Ninguém o observava — exceptuando Celeste — que o seguia num mixto de enlêvo e de mêdo, a mão espalmada sobre o seio agitado e esgaseando muito os seus lindos olhos de Ofélia... O médico então, retirou, rápido, da algebeira interior da casaca um envelope azul e estendeu-o à pequena... Celeste recebeu-o sofregamente e fê-lo desaparecer no pequeno decote.

O marquês, franzindo o sobrolho, voltara a cabeça quasi num esforço de contorcionista, percorreu com o olhar a trajectória do olhar de Bojerson, e deu com o espelho que era o *écran* onde se projectava a scena da carta... Bojerson calou a sua fonografia e empalideceu um pouco.

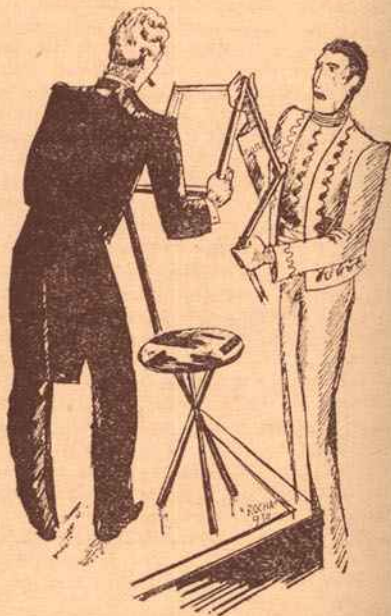
Teria visto tudo o dono da casa? E sob êste temor e profetizando uma nova tristeza para a triste e pálida Celeste — o ilusionista avançou para a sala, menos hirto e solêne do que de costume...

CAPÍTULO V

A PRIMEIRA CARTA

Eram cinco os números seleccionados no programa daquela noite... «A água invisível», «O pincel arco-iris», «Os dados de Venêza», «O copo milagroso», e, por último, como remate, a fechar com chave de ouro o espectáculo — a maquiavélica, grand-guinesca sorte do «Esquife do Thibet» — tão apetecida e recomendada pelo marquês.

Estralejaram os aplausos — e Bojerson



arreagando as mangas da casaca e os punhos engomados e espelhantes da camisa estudou a situação da zona da sala que lhe tinha sido reservada para trabalhar em relativa à situação do punhado de espectadores. Mas esse estudo não era apenas dictado pela prudência do artista em bem medir as distâncias para se defender da perspicácia do público... Outro objectivo o preocupava.

A sala tinha duas portas abertas para o corredor, e uma, ao fundo, dando para o salão; do lado oposto ao corredor enfileiravam-se três janelas ligadas por uma varanda. O marquês marcara o lugar para Bojerson exhibir as suas proezas junto à parede, entre as duas portas do corredor. Pela esquerda o dinamarquês tinha apenas dois olhos a prescutarem e ameaçaram descobrir qualquer «truc» pouco velado: os olhos da pobre D. Leonor—enterrada no seu cadeirão. E era só o olhar da anciã que Bojerson podia temer, daquele lado, porque Celeste, pela primeira vez, em toda a noite se afastara da mãe.

O dr. Oldemiro, a pretexto de fumar um cigarro saíra para o corredor e lançara-se num vai-ven, parando em cada volta um instante junto à porta visinha do canto onde estavam as duas senhoras. E nestas curtas paragens, Celeste e o médico fitavam-se.

O marquês não tardou em notá-lo—e viera buscá-la—o que agravou no espírito de Bojerson a preocupação de que ele a vira esconder a carta do dr. Oldemiro. Celeste tentara uma tímida resistência...

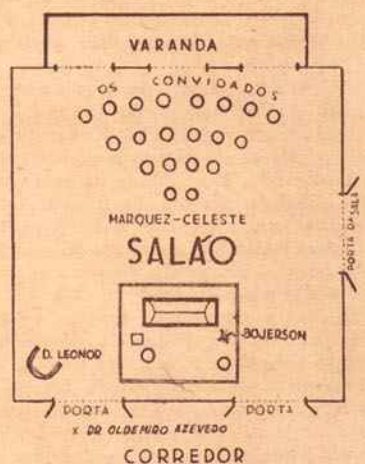
—Mas eu estou bem aqui...—murmurara.
—Melhor estarás junto a mim, podes crêr...

E como D. Leonor esboçasse um gesto para o acompanhar, soerguendo-se do cadeirão, o afilhado, maquilhando a sua impaciência num scenográfico sorriso de ternura, impôs que ficasse onde estava:

—A madrinha vê melhor aí—porque é miope...

A velha não teimou, quedando-se no seu eterno sonambulismo.

Bojerson, que não perdera um pormenor do que se passava em derredor, decorava, dentro das exigências da sua técnica profissional, a topografia da sala:



nham os criados colocado quatro filas de cadeiras, destinadas aos convivas. Na primeira fila dessa pseudo-plateia estavam apenas dois tamboretos persas. Neles se sentaram o Marquês e Celeste.

No momento de se sentarem o Marquês segredou fôsse o que fôsse a Celeste. Celeste estremeceu e levou a mão ao seio. Bojerson deduziu... O segredo devia compôr-se das seguintes palavras: «Bem vi êle entregar-te a carta; não te largarei para que a não destruas antes que eu me apossar do que te escreveu esse homem...»

Bojerson, a partir desse instante e a-pesar do que amargurava a sua boa alma a aflitiva situação da jovem—gosava orgulho de si próprio. Auto-elogiava-se em silêncio. E que havia motivos para se intitular senhor duma invulgar mentalidade... Ao mesmo tempo que punha a postos todos os sentidos para os seus difficilimos trabalhos profissionais encontrava ainda espaço e força intellectuais para se preocupar e resolver os problemas das pessoas que colocava sob a sua protecção... Para êle o romance estava lido—pelo menos até à classificação dos personagens. D. Leonor e Celeste eram as mártires do drama. O dr. Oldemiro o herói de amor contrariado que quer salvar a mulher amada mas que não pode, pinçado por um dilema delicadíssimo. O Marquês o tirano... fle—êle, Bojerson—com bigodeira ruiva e casaca e varinha mágica, o anjo da guarda, o bombeiro voluntário das labaredas daquele incêndio...

Para a obra generosa que fa empreender ser rematada gloriosamente era indispensável um detalhe. Esse detalhe era o segredo que mecanizava aqueles personagens, o mistério que ocultava a resignação de Leonor e de Celeste e o domínio e as atitudes do Marquês. Mas esse segredo, esse mistério seria escamoteado por êle, mais tarde—quando fôsse oportuno... Ele apenas há minutos se puzera em contacto com o drama... Não podia exigir mais de si próprio. Muito fizera já... Deduzira... Diagnosticara... E não era só isso... Ia, sem demora, operar, cirurgiar, amputar a parte gangrenada, a que constituía um perigo immediato...

—Minhas senhoras... meus senhorres...

E começou, versou, inquieto, insinuante, prendendo, como um imam humano, todos os olhares, todos os espíritos—até o do próprio Marquês que, a-pesar de todas as suas obsessões, não podia furtar-se ao embruxamento das sortes de Bojerson... Pombos transformados em peixes; gaiolas que se povoavam de canários, milagres, etc.; dilúvios de cartas de jogar rasgadas do relógio dum dos presentes; bandeiras de dois metros quadrados voando de entre as mãos vazias do ilusionista—um nunca acabar de successivos feitiços, sublinhados pelo estalar contínuo e sincero dos aplausos...

E Bojerson não dava tempo a que pensassem, a que notassem um detalhe, um gesto, um movimento além dos que êle compunha para desviar a atenção das suas manobras; e assim conseguiu êle por duas vezes, sem a menor suspeita do Marquês, acercar-se de Celeste, tê-la à sua disposição, falar-lhe, insinuar-se na sua confiança, apoderar-se do que ela guardava no seio—salvâ-la emfim sabê Deus de que castigo, quando o tirano a revistasse...

E terminada, com esta prestigitação, o

seu número, Bojerson falsamente fatigado, quedou uns minutos de repouso... Era para esconder em lugar seguro a carta que o médico entregara a Celeste e que de êle acabara de se apoderar...

Aos arrecuos e aos salamaletes saíu para o corredor... Rápido desembrollou o que furtara do seio da jovem... Mas...—era agora êle a surpreender-se... Era agora êle o espectador papalvo—e o Destino o iluminista. Uma carta com envelope azul vira Bojerson que Celeste recebera: uma carta com envelope amarelo aparecia agora nas suas mãos...

CAPÍTULO VI

A CARTA AZUL, A AMARELA E A VIOLETA

O dr. Oldemiro, presentindo também a ameaça que voltejava sobre Celeste, enervara mais ainda a sua impaciência, apressando o vai e vêm do corredor, e fumando com mais inconsciência os cigarros que se substituíam sem intervalo... Bojerson olhou-o; êle olhou Bojerson. Fitavam-se. Estavam a dois passos do entendimento, atirados um para outro por uma mútua e telepática compreensão... Mas não chegara ainda o momento...

Bojerson tinha pressa... Tinha pressa de se apoderar do envelope azul. No envelope azul residia o perigo—o perigo da cólera do Marquês e do novo martírio de Celeste...

Volto à sala...
Minhas senhoras... meus senhorres... Teinho a honra de...

E recomçaram as sortes; as discípulas encaixotadas, traspassadas pelas espadas milagrosamente ou ressuscitadas, no fim da proeza; dedos cortados e logo colados à mão; as fumaradas de incensos indianos ejaculando pombais inteiros; e de novo a aproximação hábil de Celeste—sem que Celeste nem o Marquês suspeitassem das suas intenções...

—Sinhorre Marquês... faça o favor de segurar neste relógio... Minha sinhorra dá-me licença de que eu retire dos seus lindos olhos as duas esterrelas... Assim... está...

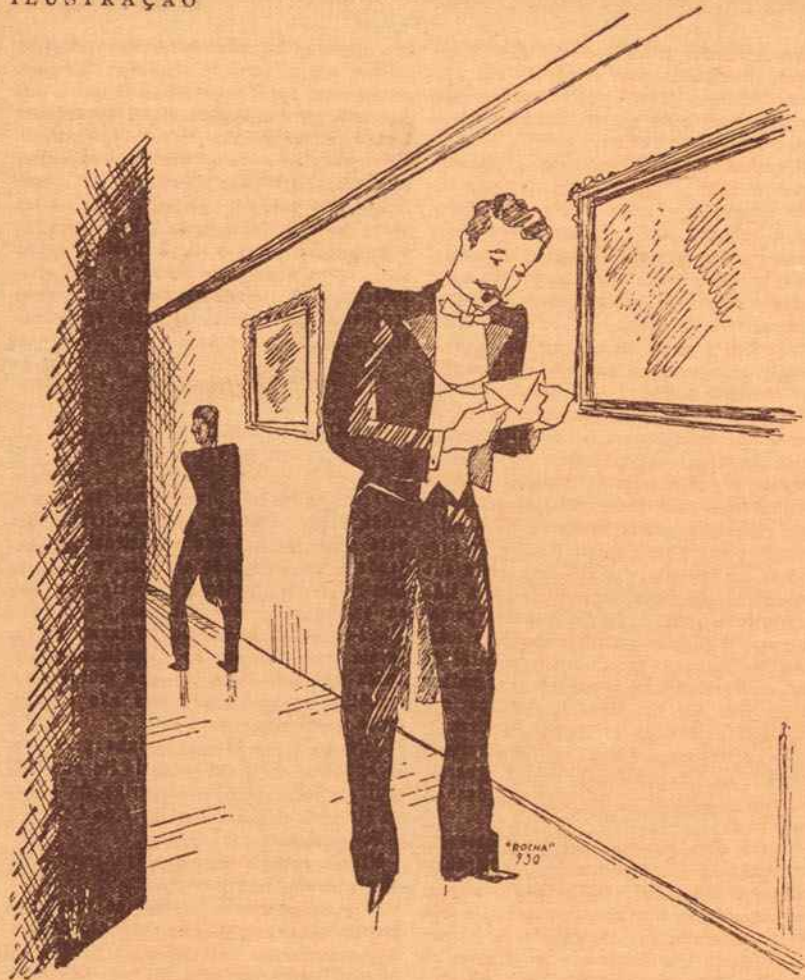
E já estava! Aplausos! Nova saída para o corredor enquanto o minguido público, sinceramente entusiasmado estoirava as mãos, batendo-as com calor...

Mas não era a vaidade—o que predominava agora o espírito do dinamarquês... Era... a curiosidade... Era a ansia de se apoderar da carta azul... Recolheu-se na sombra, de costas para o dr. Oldemiro... Tinha a certeza que não ia desiludir-se... Hábil e cartomante retirava um novo envelope...

Um? Ah! Mas, positivamente Celeste fazia-lhe concorrência... Não era ainda o cubilhado envelope azul... Era um envelope violeta... Duas cartas já retirara do seio de Celeste, e as guardava, e a que o médico lhe entregara não aparecia ainda. Realmente o seio daquela jovem não era um seio: era um marco postal—com cartas de todas as cores...

Mas Bojerson não desistia! Não era de desistir... Regressou à sala! Improvisou números para criar pretextos de se acercar de Celeste. E acercou-se! E uma nova carta lhe

Frente ao improvisado palco e entre as duas janelas que abriam para a varanda, ti-



jerson, que entre portas, fumando o cigarro do intervalo, vigiava, um por um, todos os róstos e em todos observava a mesma crispção onde, entre outros sentimentos, se presentia, mal disfarçado, o do medo, dum medo infantil que nem os próprios adultos poupa—o medo ridículo e universal dos mistérios da morte;—e Bojerson observando todo o seu público, prefixou, de preferência, a sua curiosidade no Marquês...

No rосто do titular não era apenas o nervosismo da expectativa duma emoção intensa nem o medo inconsciente e ridículo por uma ficção teatral parodiando fantasmas, decomposições, a morte, em suma, com todo o seu cortejo de podridão, esqueletos entrechocando as ossaturas desarticuladas e mistérios dantescos—o que lhe convulsionava as feições e o mascarava numa estranha contração. Espelhava-se-lhe num mixto de inquietações, de obsessões, de reflexão de ante sala de um grande acto da vida. Todo o homem que se decide a uma violência máxima, a um golpe de audácia tremenda em que tudo joga e arrisca—sofre, nos momentos que antecedam o momento de premir o gatilho, de enclavinhar as mãos ou de fincar uma lâmina, um anêlo de consciência ou um embate de pensamentos antagónicos que se produzem na fisionomia, berrante e litográficamente como uma scena de teatro é reproduzida por um mau cartaz. A cara do Marquês, durante o intervalo antecedente ao número do «Esquife do Thibet»—era o mau cartaz, o cartaz berrante e tóscio da apoteose da tragédia que se lhe representava na alma... E Bojerson, a quem a vida enchera a transbordar de experiência a lacuna de sua educação psicológica e filosófica, bem digna da agudez e da sua mentalidade e do espaço de inteligência com que a Natureza o dotara, via nitidamente naquele cartaz, não os erros de desenho que a insuficiência de reflexo deformava mas a verdade forte que êle simbolizava...

Terminado o intervalo o dinamarquês, contra o seu costume, foi pessoalmente, ajudar os discípulos no trabalho de montagem da scena. E os discípulos não só estranharam o capricho da sua presença, como outros caprichos inéditos por êle cometidos na forma de montar e combinar a conjunção do material...

Herbert, um dos discípulos, esboçou ainda um reparo que o dinamarquês calou logo cochichando-lhe:

— Nem uma palavra. Sei o que estou fazendo. E além disso preciso que tu...

Herbert era o predilecto da sua *troupe*. Não se admiraram os outros auxiliares que o mestre só a êle confiasse os seus segredos... Herbert, de sôbre olho franzido, muito pasmado com a inovação que representava a ordem recebida e o trabalho de que fora encarregado, desapareceu da sala—e ao salão não passou.

A demora propositada, agravou a impaciência do público, dilatando a postura mórbida e voluntária de todos os públicos que são atraídos por um espectáculo doloroso ou macabro. Bojerson explorava, sábiamente, êste estado mórbido do público, não apresentando nunca os preparativos dos seus números macabros... E ajudando sempre os discípulos—não deixava de observar o Marquês.

veiu parar às mãos, para lhe causar nova desilusão! Era a terceira—mas não era a do sobrescrito azul... Era branco, vulgar, e aberta. Carta recebida e lida já!

Com mil demónios! Bojerson não pararia de arrancar cartas do seio da triste môça enquanto não vencesse. Nivelava-se agora à curiosidade e à generosidade—a birra, a teima, o furor do artista que numa sorte de azar não acerta com o true do seu número... Voltou... Repetiu a experiência... Arriscou-se... Viu perpassar pelos olhos do Marquês, uma suspeita embora efêmera... E para cúmulo Celeste ia deitando tudo a perder. A impaciência e a obstinação do artista indisciplinara-lhe os seus nervos, sempre tão servis ao mando do dono; e os nervos quebraram, por um milímetro, a pontaria infalível dos seus dedos escamoteadores... Essa ternura quasi imperceptível produzira, na sensibilidade da jóvem o efeito dum contacto; e essa impressão reflectiu-se logo, agitando-a, assustando-a, empalidecendo-a... O Marquês notou-o; Celeste desconfiou de Bojerson; mas êste reabilitou-se, teclando ao acaso no quadro dos seus infinitos recursos... Dois gestos... Uma inesperada chuva de moedas disparada pelas narinas dum dos espectadores—duas graças, cinco *rr* a retinirem como campainhas—e logo uma gargalhada geral abafou, diluiu, assoprou para longe as cinzas daquele instante de desconfiança e de presentimento...

Ah! Desta vez, sim... Celeste estava sal-

va! Era a carta ambicionada! Apoderara-se finalmente da carta azul! Da carta azul, da amarela e da violeta. Três cartas. Quasi um baralho! Um baralho de cartas nas mãos de Bojerson, era um tesouro inesgotável!

CAPÍTULO VII

O QUE BOJERSON FEZ E O QUE A D. LEONOR NÃO VIU

Bojerson continuava a ter pressa... O primeiro capítulo, ou antes o prólogo da sua obra não estava ainda terminado, e êle ansiava por fazer descer o pano sob o drama. E sabe Deus quantos capítulos ou actos seria necessário compôr para atingir o suave epilogo da inocência recompensada e do crime castigado...

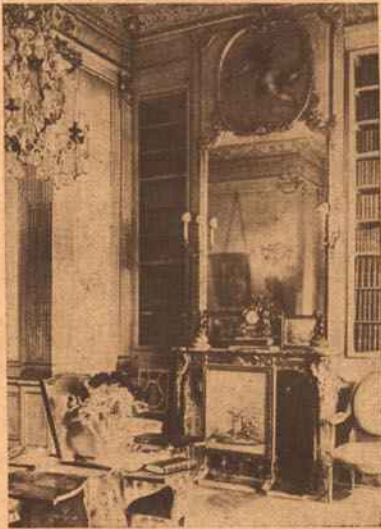
Os números que o separavam do *clou* do programa, executou-os numa velocidade precipitada, tomada pelo reduzido e não selecto público, por mais um *virtuosismo* do dinamarquês... E quando se comunicou o último número—o do «Esquife do Thibe» tão appetecido e recomendado pelo Marquês, tôda aquela gente se agitou como na perspectiva de uma tragédia. A fama que aureolava aquele espectáculo de Bojerson, a sua celebridade macabra, os boatos que corriam a seu respeito, os desmaios que causava—tudo, em suma, concorria para que o público se preparasse para receber uma violenta chicotada no sistema nervoso... E Bo-

(Continua.)

Cecile Sorel



Na *Ilustração francesa*, vemos de vez em quando, nas últimas páginas, retratos de velhinhas como casos extraordinários; e a verdade é que de extraordinário tem bem



Um recanto do palácio de Cecile Sorel

pouco; são velhas, tôdas encarquilhadas, de algum canto da província, com netos, achagues, esquisitices e demias bugigangas próprias da idade. O único caso extraordinário de velhice no mundo é o de Cecile Sorel. Há já uma década que os seus mais fervorosos admiradores tiveram de declarar à face do Universo que a sua actriz era simplesmente sexagenária. E isso sim que é uma verdadeira maravilha. Cecile Sorel não tem nada que invejar êsses torsos, frescos e fragrantés, que nos desenterram com alguma frequência as escavações de Herculano ou de

Pompeya. Ela é qualquer coisa assim como um exemplar raríssimo de fossil-vital (não fossil-arqueológico) custodiado pelo governo francês no grande museu de luzes dos seus reclames e propágandas. Esta singular mulher, a «Voronoff», é uma actualidade, a única Rainha que se consente no mundo. Uma Rainha à frente duma República democrática. É vê-la no seu *landaulet* descoberto, com os seus chapéus cantados por todos os poetas e o mento em extase, deixando um rasto de favorita do Rei Sol, através do Paris de Herriot, de Poincaré e de Briand. As trombetas dos exércitos da República anunciam a sua chegada. Descobrem-se o ministro das Finanças, o da Agricultura, o dos Negócios Estrangeiros; Cecile Sorel, ante um público de académicos, altos funcionários e marechais (e o chefe do protocolo do Eliseu) amplifica olímpicamente as retóricas de Rallier, à «Voronoff», é uma actualidade, a cine, de Corneille e de Molière, sôbre as escalinatas duma dessas fachadas de edificio francês com estriadas colunas neo-clássicas. Sucede que, durante a estação estival, as damas que hão de ser apresentadas no inverno próximo na Côrte de Inglaterra, de Itália ou de Espanha, chegam a Biarritz ou a Deauville para esperar o momento da Sorel debuxar a sua reverência ante algum soberano, dêsses que o são a fingir. É claro



Um dos vellos e magníficos salões de Cecile Sorel

ILUSTRAÇÃO

que já o não foram em tempos idos, mas agora são Magestades e Altezas caídas, perante os quais Cecile Sorel, exibe um autêntico reino versallesco, deixando-lhes a sensação de terem sido enganados cotidianamente com imitações de mais ou menos preço pelas vergonhosas damas palatinas.

E é que Cecile Sorel vive no antigo palácio da Duquesa de Mazarino (época Luís XIII),

escreve as suas cartas na pequena escrevaninha de Madame Pompadour (Luís XV da primeira época) e dorme na cama doirada da du Barry (Luís XV da segunda época).

Os Luíses franceses são qualquer coisa muito distinta da confraria dos Luíses espanhóis.

O ambiente desses deliciosos móveis velhos é o que consegue ter em tensão a vida sexagénaria da Sorel; a vida e a epiderme; a



Uma foto de arte de Alban que mostra Sorel com a eterna juventude



Cecile Sorel, condessa de Ségur, à volta da sua tournée à América. Uma foto de reportagem impiedosa para a sempre-moça

epiderme também em tensão com os próprios móveis. Dona e mobília, tem ali um brilho de coisa sem usar, mas com ornamentação de outra época, como se nos abrissem uma caixa do passado para nos deslumbrarem com a sua essência. Oh! Aquele leito da du Barry, aquele leito de verdadeira Favorita oficial, cheio de exalações de pecado onde Cecile Sorel dormiu com o incubo de Luís XV, pelo que, sem dúvida alguma, o Govêrno da República teve necessariamente de a aceitar como Rainha legítima de França!

Todo o Palácio de Mazarino se embalava em imensos caixotes com a rotulagem de «frágil» para as apotécicas «tournées» da actriz. Móveis, dúzias e dúzias de baús, elenco da Comédia Francesa, orquestra, criadagem de scena, criadagem privada de Madame; nas Alfândegas um empregado — somente um em tôdas as Afândegas do mundo — que sabia um pouco do Antigo Testamento, julgava-se naqueles dias lendários em que ainda viajava a Rainha de Saba. Cecile Sorel em tôdas as estações internacionais era recebida com flores e fitas de bandeira tricolor; e, encaixilhada na jaula do vagão, tinha



Cecile Sorel, no seu palácio, pensando para os fotógrafos

técnica e colorido de «escola francesa» paga em milhares de dollars.

Mas eis que chega a tragédia. Cecile Sorel lança o seu novo credo: Renovação. Sim, tudo isso está muito bem, mas... eu vos contarei o que se passa. Há almoeda no Palácio Mazarino; vão-se levando por milhares de francos os deliciosos móveis velhos que lhe lançam uma última piscadela do seu polimento, como se dissessem: pobre de ti! As paredes ficam desnudas; e então a Sorel, abre um andar soleado na Avenida dos Campos Elíseos. Chegam-se a ela os magos modernos: escultores, pintores, ebanistas, cinzeladores, electricistas, vendedores de peles, decoradores... Deixam-lhe as casas quinta-essenciadas. E Cecile Sorel ao retocar o cabelo em frente a um espelho, dilacera-se de angústia. *Mais mon Dieu! qu'est que c'est ça?* Isto, simplesmente: rugas, idade. Os pequeninos móveis de metal, de sândalo e pau rosa, as jóvens pratas dinamarquesas, o cristal da Checoeslovaquia que sempre se está a rir pelas arestas, os Cezanne, os Fugita, os Picassos, os Chagall, com as suas pupilas de meninos de sete anos quando muito, focam-na do íntimo da sua terna substância de recém-chegado à vida.

Evaporado o prodigioso empaste dos «Luis», ela ainda vê decorrer os anos nos castelos de Versailles ou Fontainebleau. Coimbrais duma nova época.

São os espelhos de hoje, os que devolvem a nota exacta de todas as Primaveras saboreadas — estes espelhos de hoje tão rasos, tão lípidos, que atravessam o tegumento.

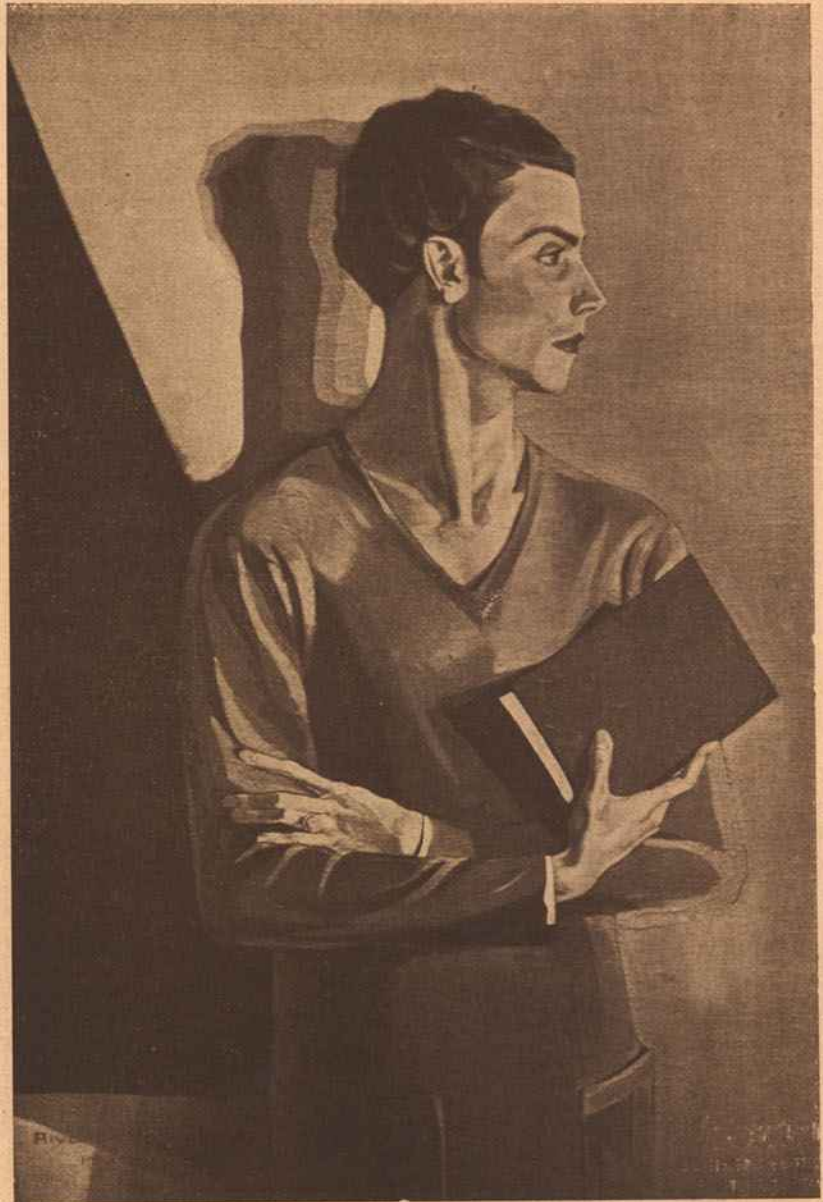
É lamentável tudo isto. Uma camélia que se perde e que sempre se mostra atractiva entre a simpática vitalidade dos ásperos cardos dos nossos dias. O governo francês ainda está a tempo de reparar uma perda preciosa.

Eu aposentaria régiamente Cecile Sorel nos castelos de Versailles ou Fontainebleau. Como vibrariam as folhas de todas as árvores, o sol fino das avenidas, as cinzeladuras dos aposentos!

Cecile Sorel, no seu ambiente propício, conservaria sempre a sua imarcessível, beleza de Papisa da Distinção, com o seu sólio um degrau mais elevado que o resto dos troncos do Mundo.

JUAN GIL-ALBERT.

(Crédito e exclusivo de «Ilustração».)



O escritor Juan Gil Alberti — Retrato a óleo pelo pintor Valenciano Álvaro Ponsá

MANUEL TEIXEIRA GOMES

ANTIGO PRESIDENTE DA REPÚBLICA
 CONCEDE Á "ILUSTRAÇÃO," A SUA
 PRIMEIRA ENTREVISTA APÓS QUATRO
 ANOS DE VOLUNTÁRIO EXÍLIO

Escutar e transmitir ao grande público a opinião de um político não constitui fácil tarefa, muito principalmente quando o seu mutismo está na razão directa do seu valor e da sua inteligência.

Teixeira Gomes que não é apenas um político, porque é também diplomata e escritor elegantíssimo, de uma geração que parece extinta, está precisamente nestas condições.

Votado a um ostracismo voluntário, atitude denunciadora do seu caracter e da boa-fé que sempre orientou as suas acções, o antigo Presidente recolheu-se no silêncio e na tranquillidade da cosmopolita Tunis,

longe da sociedade prevertida característica evidente da época envenenada que atravessamos.

Teixeira Gomes emudecido, era pois, até há pouco, um castelo inexpugnável que nós os jornalistas jámais poderíamos talvez conquistar...

Mas era necessário, custasse o que custasse, ouvir esse homem que soube grangear, não pela vaidade, porque nunca a teve, mas pelo seu grande valor, que éle próprio é o primeiro a pretender em vão diminuir, uma situação invejável, única talvez na barafunda politica desta terra desapiadada.



UMA FOTOGRAFIA INEDITA

Teixeira Gomes, quando Chefe de Estado saúda com o seu melhor sorriso a multidão que o aclama ao iniciar uma das suas viagens triunfais através o país. — (Fotografia gentilmente cedida pelo illustre artista Carlos Leal, grande amigo de Teixeira Gomes.)



TEIXEIRA GOMES, DIPLOMATA — Um retrato eloquente na sua elegância tão requintada quanto natural

Versailles, a cidade histórica dos jardins e dos repuchos fantásticos é este ano a estância de verão do antigo chefe do Estado que acaba de cumprir os 70 anos e ser jubulado como diplomata.

A sua figura de gentleman perde-se no labirinto frondoso dos parques sem fim, onde Teixeira Gomes procura saciar o seu espirito de artista nas mais belas criações da natureza prodigiosa.

Confiados na sua nunca desmentida amizade e na interferência do seu antigo secretário particular e nosso illustre amigo sr. Viana de Carvalho, tentamos pois uma lança em Africa... e conseguimos-la!...

Teixeira Gomes adoça as suas frases satiricas com uma dose proporcionada de ironia que toca às vezes a raia do humorismo.

É o nosso entrevistado que principia por nos interrogar:

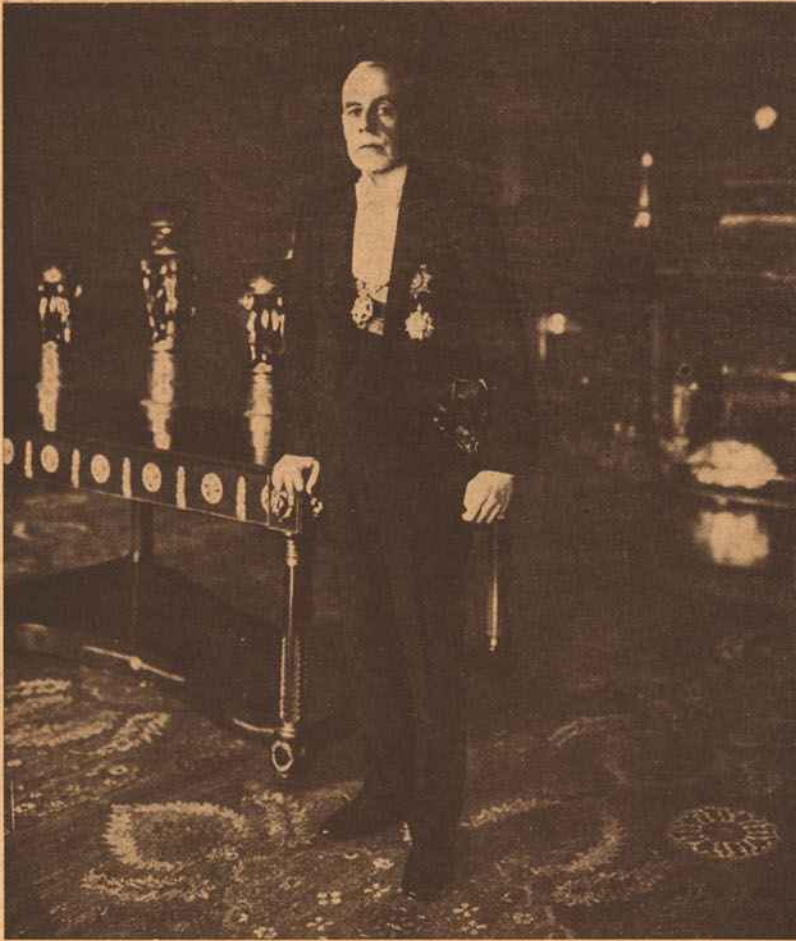
— Pede-me então a minha opinião sobre politica mundial, pacto de Kellog, possibilidade de uma república em Espanha, agitação social em França, a politica portuguesa?...

Previendo o nosso ataque, Teixeira Gomes coloca-se em guarda, tomando prudentemente a defensiva com as seguintes palavras:

— A humanidade culta, incluindo a lusitana anda agora envolvida numa meada...

E reforçando a defesa:

— Que precioso ensejo para dar largas à agradável eufória, que não abandona os escritores fecundos, e lhes deixa a impressão de que tudo quanto lhes escorre da pena é optimo! Mas, infelizmente, isso não se dá comigo. Além da inspiração pèrra, atormenta-me a desconfiança da excelência do que produzo. É que, depois de ter a verdade bem



UM CHEFE DE ESTADO — Teixeira Gomes, quando Presidente da República, em dia de recepção oficial no Palácio de Belém

na mão, para fazer obra de arte urge enfeitá-la deliberadamente — árdua empreitada! — e isso obtém-se até simplificando-a (o que é ainda mais difícil), conforme o temperamento e as predileções do escritor.

Vamos atalhar mas o antigo Presidente acrescenta:

— É preciso arte para apreciar o paeito de Kellogg. Arte para todos...

E continuando:

— Falta-me a prática indispensável às escamoteações das verdades cruas, que reputam ao espírito gregário e burguez, tão respeitável e valioso nas sociedades bem organizadas. E que cuidado e peso não é preciso pôr, actualmente, nas palavras destinadas ao público, quando o «ólho de Moscóvia» tudo perscruta, e para fugir às desmedidas ambições terrestres que êle suscita, a humanidade impecuniosa volve novamente as vistas para o céu, na Esperança, bem fundada, de que na outra vida encontrará as delícias, que neste vale de lágrimas só meia dúzia de eleitos conseguiram fruir.

— Mas de uma maneira geral...

— Como emitir juízos sobre a tão variada política dos povos, sem soltar frase que os ofenda ou melindre? Alguns agitam-se com frenesi, expulsando hoje dos altares os ídolos que adoravam ontem; para outros, de índole passiva, é verdadeiro prazer jazerem debaixo dos pés da tirania, e

nisso lembram aquelas mulheres que só amam de-veras a quem lhes bate...

E instalando-se melhor no reduto de aço, por entre cujas ameaças nos dispara amigavelmente as setas da sua ironia, Teixeira Gomes afirma:

— Cada qual em sua casa, arma a felicidade que lhe convém e há casos de tanta perfeição, que baldam qualquer tentativa de censura. Só a malignidade os debica. E com efeito, que grande consolação não é para o maledicente, e para o invejoso, descobrir na leitura de um poema justamente consagrado, motivo para críticas e repreensões que julga assentarem-lhe em cheio! Ele, porém, toma então, e a exercê-lo se deleita, o papel dos insultadores estipendiados que acompanhavam o carro do triunfador...

— E logo a seguir:

— Quem haverá pois que se atreva a arcar dêste modo com os verdadeiros vencedores? Não são precisamente êsses, que alvejam os insultadores oficiais e profissionais, de que nós conhecemos tantos exemplares.

Teixeira Gomes toma agora a ofensiva declaradamente afirmando:

— Neste momento tenho debaixo da língua o nome de um dos mais acabados, que não pronuncio para o não ilustrar.

— ?...

— Preside a tôdas as suas acções um descavalheirismo soez, que parece ser a própria

essência do seu carácter, produzida na grosseria da geração de onde provém, e refinada pela vilíssima vida que sempre tem levado. Nem por isso é menos estimado: a sua especialidade consiste em insultar os vencidos...

— !...

Teixeira Gomes mudando o rumo interessante que a nossa conversa começava a seguir diz-nos, voltando à defensiva prudente:

— Falta-me habilidade para lhe responder...

As nossas vontades continuam pois lutando como ferozes leões... Tentamos mais um *raid* ao campo inimigo:

— A política portuguesa?...

E resulta um prisioneiro, um prisioneiro que fala pouco, que diz apenas isto:

— Existe a necessidade momentosa de se unirem todos os republicanos.

E a bôca de Teixeira Gomes, fechou-se de novo, herméticamente ameaçando um silêncio inviolável.

As nossas perguntas sucedem-se no deserto... Nada, nem mais uma palavra de política...

— O que interessa realmente o público de agora — atalha com ironia o antigo Presidente — são os assuntos de alimentação, nos quais nada lhe é indiferente.

E cita a propósito:

— Veja como se tornou ponto importantíssimo, e de vasta controvérsia, aclarar se S. João Baptista, durante a sua vilegiatura no deserto, se mantinha de gafanhotos e mel, ou de ervas e raízes, e o alvorôço com que foi recebida nas cinco partidas do mundo essa tese, posta a concurso pela Universidade de Harvard.

— Até eu — afirma a despedir-se — me preparo para acudir a tão suculento certame...

Últimas palavras:

— Releve que me tenha referido em termos de burlesca ironia, tão pouco adequados à gravidade da matéria em discussão, e a que a minha propensão natural, algo chocadeira, insensivelmente me arrastou.

Para muitos Teixeira Gomes não terá dito coisa alguma. Para nós as suas afirmações constituem como que palavras sagradas em que transpira a sua fé nos destinos da Pátria e da República e a rijeza indomável do seu carácter ímpoluto.

É mister que pise de novo a terra da sua Pátria, êsse homem que soube servi-la e dignificá-la através uma vida inteira de dedicação e de sacrifícios.

Queremos apertar de novo contra o nosso, o paeito dêsse português onde pulsa um coração lusíada, chama inextinguível, sacrário de onde brota em catadupas, um sentimento patriótico que deveria constituir o melhor ensinamento para os poucos, maus ou inconscientes, que pretenderam, em vão, beliscar com as zagáias envenenadoras do seu espírito perverso e mesquinho a figura veneranda de Manuel Teixeira Gomes.

CINEMA

O "bailado d'o gatos", em "Madame Satanaz", a nova película de Cecil B. De Mille o grande realizador de "Rei dos Reis"



NO OVAL, à esquerda — Mary Doran, uma das mais lindas artistas americanas exibindo generosamente a sua académica plástica sob o pretexto dum gesto público e inocentíssimo.
 EM BAIXO: — Trelma Todd, a mais linda "far de Hal Rosch" nas suas famosas comédias, parece aqui uma hippitiana em face dos acessórios propositalmente para provocar a "história de sónica" que é verdadeiramente original em filmes.



Barbara Leonard, um dos satélites do firmamento cinematográfico, que fará o papel principal de "Monsieur Le Fox" em quatro versões: inglesa, francesa, alemã e italiana



A MÚSICA NA CINEMATOGRAFIA SONORA

POR FRIEDRICH HOLLANDER

(Compositor da U. F. A. de Berlim)

Para o compositor a criação da cinematografia sonora é um acontecimento agradável sob todos os pontos de vista. Especialmente por dois desses pontos. O primeiro é de ordem puramente externa, todavia de extrema importância. A fixação mecânica da interpretação da parte musical de uma obra oferece vantagens positivas e seguras, pois ao passo que cada representação, cada concerto, é uma nova prova — um ensaio, por assim dizer — cheio de perigos incorporados: qualquer incidente de mecânica scenica, uma indisposição do director ou de um dos cantores, influem no curso da interpretação, podendo comprometer o êxito da estreia ou o brilho da carreira duma obra, oferece a cinematografia sonora a possibilidade de fixar, com carácter permanente, uma execução perfeita da parte musical, bem como da parte dramática.



A ESQUERDA:— Bessie Love com um lindo vestido azul marinho e um chapéu elegantíssimo, um dos últimos modelos de primavera em Hollywood.

NO OVAL, da direita:— Vera Marsh com um lindo pijama de veludo preto e branco, de original de senh o moderno, numa das cenas do filme «Good News», da Metro, uma das últimas sensações da Cinelândia, um filme sonoro em que, decerto, também a vista se regalará



EM BAIXO:— Dorothy Jordan, a encantadora «partenaire» de Ramón Navarro, nalguns dos seus filmes, longe de todo o bulício dos estúdios repousa tranquilamente voando no sabor das mansas águas dum rio poético.

Outro retrato de Dorothy Jordan em plena primavera florida. Dorothy Jordan que é a mais baixa (em altura ante a craveira) das artistas cinematográficas, parece, aqui, um lindo botão de rosa entre outras rosas...



As afonias e os excessos de mau humor dos grandes artistas ficam excluídos. O público sabe, de antemão, que vai assistir a uma representação acabada até os seus menores detalhes e que não há perigo de que o director se apresente, cinco minutos antes de começar, solicitando a benevolência do respeitável concelho, devido a sãbita indisposição de X, Y ou Z.

O segundo factor está mais intimamente unido ao processo de criação artística. O desenvolvimento da acção filmada é, indiscutivelmente, um estimulante poderosíssimo para a inspiração do músico. Os acontecimentos fundamentais e a evolução abstracta do enredo exigem, na cinematografia, o auxílio da sonoridade; e não somente isto, pois a música pode chegar a converter-se em estímulo para a acção. Durante a minha colaboração na última grande produção sonora da Ufa— insistiu em ouvir os números básicos da partitura antes de dar começo ao trabalho no atelier. Sternberg esperava da música indicações importantes para traçar o perfil de certas cenas e determinados episódios. E assim realmente ocorreu. A canção típica da sedutora Lola-Lola— Dos pés à cabeça meu corpo é amor, marca, com força, os traços essenciais do carácter da protagonista e sugere, de certo modo, uma linha de desenvolvimento para o conflito, alus de criar a atmosfera em que este há de surgir, crescer e trazo agravado até se resolver na catástrofe final. O tema desta melodia, ao passo que caracterizava os instintos da mulher sedutora convertia-se em eco de desafortunado professor, primeiro no meio onde exercia sua função; mais tarde, levado pela casual fatalidade, em outro meio, que havia de conduzi-lo à total ruína moral e física, ofereceu-me a possibilidade de accentuar, por meio de oposições melódicas e harmoniosas, o contraste entre as duas fases de uma existência arruinada pelos caprichos de uma adversidade, que se abate com elemental energia sobre sua inelutável preta humana.

Resumindo: a cinematografia sonora não é somente uma renovação da arte cinematográfica, pois ela oferece, também ao músico, oportunidade de renovar, profundamente, os meios expressivos da sua arte.

MODAS



Vestido «Ghimère» de Paquin, em musselina de seda vermelha com desenhos negros e brancos

EM BAIXO: — «Sentimentale», modelo em *moiré* verde, gola, punhos e enfeites em rendas, lançado para este verão, por Melnotte Simonin



Vestido alfaiate «Aveu charmant» em *reps* às tiras de vários tons de vermelho, blusa branca



Outro modelo de Paquin, «Palmerais» em musselina de seda branca estampada a negro e castanho

EM BAIXO: — Vestido de tarde em rendas azul real e tafetá em azul mais carregado, intitulada «Bleu Crépusculaire», por Melnotte Simonin

(Todas as fotos desta página são de «Orriols» e exclusivas da «Ilustração».)



UM DIA EM S. MIGUEL DE SEIDE

Ao longo das sendas do jornalismo e da literatura — sendas paralelas, mas horizontes diferentes — estão, sempre, à nossa espera mundos e mundos sem fim de assuntos. Em cada minuto que se vive, passa perto de nós um retallo de existência que pode dar uma simples notícia de jornal, um romance ou um poema. Claro, há assuntos de tôdas as importâncias, de diversas oportunidades. Uns, colocam-se imediatamente na nossa frente, são destacados pela sua natural actualidade. A maior parte, porém, vive refugiada na sua humildade, estende a mão às suas queixas à opinião pública, e espera, resignadamente, durante anos e anos, o seu momento de luz, de discussão.

O assunto d'este meu artigo estava, há muitos anos, esquecido em S. Miguel de Seide, na casa da neta de Camilo Castelo Branco. Passaram por elle quasi todos os escritores e jornalistas consagrados. Mas, passaram por lá tão apressadamente, que não o viram, não o trouxeram para a varanda dos entusiásticos comentários nacionais.

Devo a Jaime Dias, o companheiro preferido, o confidente das horas trágicas do estorturado de Seide, a antecipação da minha visita ao Museu Camiliano. Há muito que eu procurava esse dia, há muito que eu me intimava a um dia inteiro, completo, de prece espiritual dentro da casa onde Camilo, o apaixonado de abismos, saltou para o abismo da Morte nas asas negras do suicídio. Eu e esse amável cicérone, verdadeiro livro de notas inéditas da vida de Camilo, entramos na linda e triste aldeia do Minho num dia em que a chuva, por entre batalhões de nuvens baixas e espessas, estendia desolação e tristeza sobre os grandes taboleiros da paisagem. Quando os meus olhos avistavam já a pequena igreja de Seide, tôda vestida duma negrura que diz saúde e desleixo — Jaime Dias obrigou-me a fazer alto a seu lado, levantou, numa atitude de confrangido, um braço para a esquerda, e disse-me:

— Está além o último romance de Camilo...

Olho na direcção que o braço do meu amigo tomou, e vejo a distância, num largo tapete de relva, uma casa de tintas desbotadas. Vamos andando, vamos nos aproximando. E Jaime Dias continúa:

— Há muitos anos, naquela casa havia felicidade, entrava alegria por todas as janelas. Como isso vai longe!... Foi aquela a casa que Silva Pinto começou a construir para viver próximo do Mestre. Não o chegou a realizar. Anos depois, foi acabada por Nuno Castelo Branco, Visconde de S. Miguel de Seide, o filho para

quem Camilo, mesmo no período da noite cerrada dos seus olhos, olhava com mais esperanças... Ali passou Camilo com sua família dias venturosos. Naquella casa, como você vai ver, daqui a pouco, atravessam, actualmente, Raquel Castelo Branco e sua mãe uma vida de miséria.

Estamos já mais próximos da casa da neta de Camilo. Tem sido e continuará a ser assunto dos nossos minutos d'este dia a vida do romancista. Jaime Dias fala-me dessas tardes distantes, quando o autor de «A Engeitada», passeava pelos campos, por estes campos que se estendem frescos, verdejantes, na nossa frente. Jaime Dias era sempre o seu companheiro. O romancista encostava-se-lhe a um ombro — e, silencioso, abismado dentro de si, assim passeava horas e horas sem fim.

— Entre seu pai e Camilo existiam apertadas relações?

— Sim. Admiravam-se mutuamente.

E este meu amigo, filho do glorioso actor Dias, o homem que fez rir o Portugal e Brasil do seu tempo, conta-me, então, numa voz saudosa, como o grande actor conheceu o grande romancista — dois monumentos do seu tempo.

— Sabe que existem alguns biógrafos de Camilo que lhe põem em dúvida a cegueira absoluta?

Jaime Dias sorri-se, com um sorriso que não diz surpresa da minha interrogação, e responde-me:

— Durante os cinco anos em que vivi junto do Mestre, tive, por vezes, também, essa impressão... Quere saber?... Estávamos no Hotel Mary Castro, na Foz. Certa madrugada, Ana Plácido, grita por mim aflitivamente, e diz-me que o marido acabava de acordar, e gritava que estava cego, que não via absolutamente nada... A companheira dedicada do romancista pedia-me que tomasse um trém, que fosse depressa ao Pôrto buscar o dr. Ricardo Jorge. Dali a instantes, quando eu me dispunha a partir, aparece Camilo, dentro da camisa de dormir, com o candieiro de petróleo na mão, e diz-me que aguardasse um momento, que elle próprio queria escrever uma carta ao médico. Assim sucedeu. Dirigiu-se para o escritório. Momentos depois, entregava-me uma carta escrita na letra mais legível d'este mundo!... Doutra vez, sucedeu o caso seguinte, que todos os que o presenciaram, atribuíram, primeiro, a estranhas alucinações do romancista: Numa linda tarde, jantávamos na casa de Nuno eu, meu pai, Camilo, o filho visconde, Ana Plácido e outros. Uma das janelas da casa de jantar abria-se para o Monte de Santa Luzia.



EM SEIDE — Da esquerda para a direita: Guedes de Amorim, nosso redactor no Pôrto; Raquel Castelo Branco, mademoiselle Elisa Dias e Jaime Dias. Em último plano: o jornalista Rebelo de Mesquita e um bisneto do romancista do Amor de Perdição.

Camilo sentado de frente para a janela, gritou em certo momento: «Sabem que estou a ver no monte, uma casa branca com uma figueira ao lado?...». Ficámos surpreendidos. Podia lá ser!... O monte distava aí cinco quilómetros, não sendo fácil distinguir, a vista desarmada, o que o escritor acabava de citar. Intrigada com a revelação do marido, Ana Plácido murmurou dum binóculo. Era verdade! Lá estava a casa e a figueira, como Camilo anunciara!

Jaime Dias fecha, nesta altura, o livro do seu passado, dos seus dias passados com Camilo, para me apresentar a neta. Tenho na minha frente uma mulher que é um retrato vivo do autor de *Espinhos e Flores*. Alta, magra, rosto anguloso. Está dentro dum vestido preto, de luto, de luto como a sua existência. Junto dela, sua mãe. Uma figura mais baixa que a da filha, rosto num sorriso igual, mas que diz sofrimento e bondade.

E Raquel quem me acompanha até à casa onde seu avô se suicidou. Pelo caminho, escuto-lhe a voz lenta, apagada, que me fala do passado, que me fala de Camilo Castelo Branco.

Chegámos. Logo ao atravessar o portão, alto, majestoso, da casa de Camilo, Raquel Castelo Branco leva-me junto duma coluna de granito, escondida num ângulo do jardim, num jardim onde não há rosas. É a pedra comemorativa duma visita, da visita que em 1866 António Feliciano de Castilho fez ao mais genial e mais desgraçado dos nossos romancistas. Mais adiante, junto das escadas do edificio, apontam-me a «Acácia do Jorge». Descubro-me diante desta árvore. Pito-a durante algum tempo. O vento agita-lhe, enlouvece-lhe os ramos; e eu tenho, bem nítida, bem esmagadora, a impressão de estar vendo o esbracejar d'essa demente que foi Jorge Castelo Branco, esse desgraçado que era a eterna dor de seu pai.

Subimos para o primeiro andar. Espreito para um aposento onde dormem alguns móveis que falam do escritor. Sigo a ontra sala, a sala que é o coração do Museu Camiliano. Estendem-se pelas paredes retratos e quadros que são pedaços da vida do romancista. A luz da tarde, da tarde que já lá vai a mais de meio da sua cavalgada de minutos, entra como um hálito de tristeza no aposento que meus olhos percorrem. A neta de Camilo, que me acompa-



A casa de Camilo em S. Miguel de Seide



Raquel, sua mãe e um bisneto de Camilo

nha, que me anda a contar a história dos objectos que olho religiosamente — diz-me em certo momento:

— Quando meu avô era vivo, esta era a sala de visitas...

Esta pequena indicação abre na minha frente uma estrada de sugestões. Sim. Esta sala, que, agora, vive no abandono sepulcral de todas as salas de museus, teve uma existência mais feliz. Por aqui passaram Tomás Ribeiro, Oliveira Martins, Silva Pinto... Esta sala de visitas era a sala de Camilo, era a sua vida. Hoje, é o seu passado, é o seu melhor monumento. Na grande montra, que parece um cadafalso transparente, que ocupa o centro da sala, encontro objectos que me falam dos melhores dias do romancista. Uma caixa de rapé, uma cigareira, um alfinete de gravata, uma bengala, um sinete de prata... Uma grande, uma inumerável família de objectos que conviveram com o autor de *A Neta do Arcediago*, objectos que o viram... sorrir e chorar. Vou ouvindo, sem pressa, estas vozes duma vida que desapareceu. Há, porém, outras salas que não me perdoariam que eu me esquecesse delas... Volto a lembrar a frase de Raquel: «era esta a sala de visitas...». Sim. Era aqui que Camilo recebia as visitas que lhe enchiam de alegria a vida. Foi aqui, também, que Camilo recebeu... a Morte naquela tarde em que se suicidou. Lá está, a um canto, a cadeira onde, com um heróico tiro de revólver, Camilo se disparou para a Eternidade!

Entro na biblioteca de Camilo. Aqui existe o domínio mais intelectual de todo o edifício. Abrem-me uma das estantes, e trazem-me um dos livros comentados pelo romancista. E a seguir, numa desfilada, vou vendo obras de Eça, Ramalho e de outros. A maior parte das páginas estão franjadas de comentários violentos, demolidores, que o autor de *O Cego de Landim* ali deixou em momentos de serena leitura. Levam-me, a seguir, a outros aposentos. Primeiro, a cozinha da casa, onde se realizaram os mais encantadores serões de S. Miguel de Seide, onde, como diz Alberto Pimentel, *Ana Plácido lendo e fumando ou sentada à lareira, a conversar com os camponês*, esperava por Camilo. Depois, o gabinete do romancista, semeado de móveis, o seu salão de trabalho. A seguir, mostram-me o quarto onde morreu Ana Plácido. Uma cama, uma mesinha, um outro móvel e nada mais. Adivinha-se que este quarto foi mais cuidado, mas que foi sempre assim, simples, como a vida que nele acabou.

Visito ainda outros aposentos, outras salas que estão afogadas em sombras camilianas. Por fim, saio para fora desta casa cujo silêncio me oprime, me tortura. Trago no meu espírito a impressão de que acabo de ler um romance triste, confrangedor — o romance mais triste e confrangedor de Camilo Castelo Branco.

Raquel pede-me, agora, que a acompanhe a sua casa para me mostrar alguns versos inéditos de seu avô. Alguns segundos depois tenho na minha frente a casa do Visconde de S. Miguel de Seide e onde vivem, agora, Raquel e sua mãe. Atravesso um jardim humilde, mas com algumas rosas, com alguns sorrisos vermelhos de flores. Jaime Dias, que continua a acompanhar-me, que continua a apontar-me recordações que o ligam a esta casa, que lhe prendem a alma aos seus habitantes, diz-me, no momento em que vou a subir as escadas, que neste jardim, há muitos anos, se realizavam festas esplendorosas, festas de felicidade, presididas pelo autor de *O Amor da Perdido*.

Entro, finalmente, na casa de Raquel Castelo Branco. Deixo correr os olhos pelas paredes. Retratos, muitos retratos do passado, do passado bem próximo em que viveu Camilo. A um canto, um piano, espedido, quasi morto, em que ninguém toca há já muito tempo. Pegado, um retrato de Ana Plácido — a única mulher portuguesa que teve a coragem de amar em voz alta no século XIX.

— Venha ver alguns versos inéditos de meu avô — diz-me Raquel, obrigando-me a sentar a seu lado numa velha poltrona.

São versos dos dias mais negros, dos dias

em que só a alma do romancista rasgava o mundo. Foram escritas por J. Coelho de Carvalho, o célebre «Pistula» do *Eusébio Macário*, que foi secretário de Camilo. Vou correndo as páginas. Todos os versos que leio são asas de fatalidade, dessa fatalidade que foi a estrada da sua vida.

Nesta casa, há, também, uma larga herança dessa estranha fatalidade. Nesta casa, há, hoje, um amplo domínio de miséria. O tecto, enodoado de rimbos, ameaça ruína completa. Nas paredes, a humidade deixou uma serpente de sombras. Os vidros das janelas estão partidos. Esta casa é um triste poema de sofrimento e miséria!...

Sai de S. Miguel de Seide no fim da tarde, quando sobre os campos se espalha uma névoa de saudade e mistério.

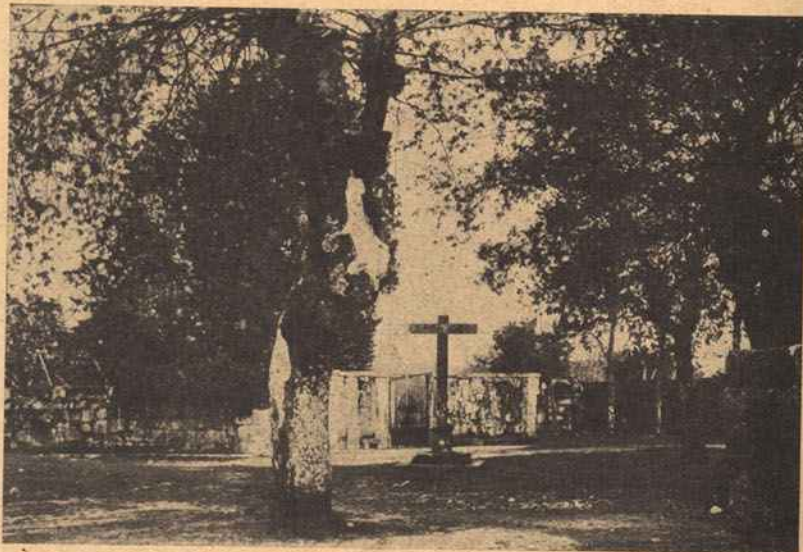
Eu e Jaime Dias fazemos uma parte do projecto de regresso a pé. Faço então a minha contração de alma sob os aspectos desoladores que meus olhos guardam desta romagem a S. Miguel de Seide. É oigo dentro de mim esta pergunta: É sincero o culto que Portugal tem por Camilo Castelo Branco? Não, não é... Sim. A maior parte dos nossos escritores consagrados mostram na sua bagagem um livro sobre o atormentado de Seide. Por toda a parte, se ouvem estas exclamações: «Já leu toda a obra de Camilo?», «Camilo, que grande génio verbal!», «Camilo é o maior romancista de todos os tempos!». Sim; eu bem sei que estas exclamações são rajadas de verdade. Contudo, sou forçado a acreditar que há uma lamentável falta de sinceridade nesse culto doirado por Camilo Castelo Branco!...

Não é fácil admitir que haja um profundo culto por Camilo, e se deixe morrer à fome uma sua neta. Eu não acredito nessa grande admiração nacional. Agora, mais do que nunca, julgo, como um meu camarada, que os corvos, os exploradores da sua memórias. Creio que não me engano. Mas oxalá me enganasse, vindo que os biógrafos de Camilo se uniam numa parada de franca admiração pelo Mestre, arrancando das garras da miséria sua neta, Raquel Castelo Branco.

GUDES DE AMORIN.

N. do A. — Já depois de ter escrito este artigo, recebi no Porto um telegrama do grande actor brasileiro Procópio Ferreira, comunicando-me que, tendo conhecimento da minha apelo em favor da neta de Camilo, resolveu estabelecer uma pensão de quinhentos escudos mensais para salvar aquela senhora da miséria e da fome. Eis um belo, um grande gesto de generosidade, que merece a minha gratidão, que merece a gratidão de todos os portugueses. Procópio Ferreira é, justifiadamente, o maior amigo de Portugal. Este seu milagre em favor da desventurada senhora não só o coloca à altura dos olhares de todos os olhos portugueses, como também faz abrir os braços de todos nós, nesse dia próximo em que lhe chegar à nossa terra.

— G. DE A.



O cruzeiro de Seide, vendo-se em frente o portão da casa de Camilo

VIDA MUSICAL

O GRUPO DOS QUATRO

Todos os nossos entrevistados se tem referido mais ou menos directamente aos jovens compositores portugueses, olhando-os com esperança de redenção.

Rui Coelho fê-lo duma maneira indeterminada e vaga. Esperava-os como Portugal espera aquela manhã de nevoeiro em que há-de chegar D. Sebastião... Francisco de Lacerda também já ouvira falar neles. Mas Pedro de Freitas Branco foi mais preciso, apontou-nos o nome de alguns com quem num futuro próximo podíamos contar. Outras pessoas em destaque no meio musical me tem falado de quatro rapazes alunos do Conservatório de Lisboa.

Por tudo isto pensamos que entre os nomes já consagrados e aplaudidos ficava bem os destes quatro rapazes: — Fernando Graça, Jorge Cróner de Vasconcelos, Armando Fernandes e Pedro Prado.

FALA À ILUSTRAÇÃO E AFIRMA VERDADES AMARGAS...

Propusemos-lhe uma entrevista. Ficaram embaraçados. Que haviam êles de nos dizer? E justificaram-se:

— É tão difícil dizer coisas com interesse e não parecer pretencioso, quando ainda se não tem uma obra que as justifique e valorise!

— Porquê? Se os senhores confiam em si

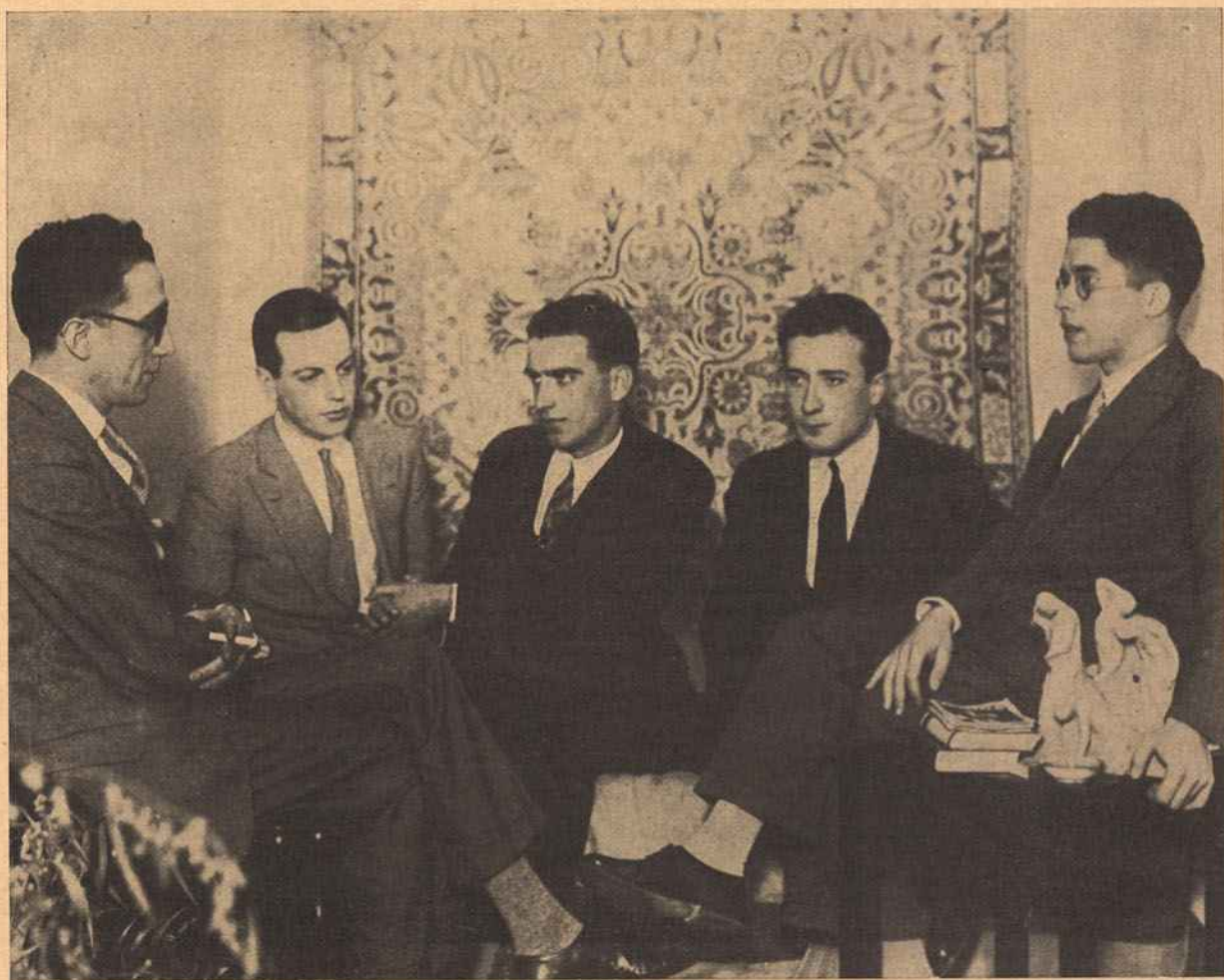
basta-lhes essa confiança para desprezarem um ou outro comentário menos agradável. Na gente nova a audácia é uma virtude...

Entreolharam-se convencidos, e foi com mocidade e alegria que nos deram a entrevista que lhes propusemos.

Pedro Prado é obstinado e tímido. As suas respostas pensou-as, ordenou-as, deu-lhes a forma mais sóbria e mais clara. Sente-se neste rapaz uma vida interior secreta e profunda. Tem um temperamento de místico.

Jorge Cróner de Vasconcelos é vibrátil, fino, com um grande sentido do equilíbrio e da harmonia. Talvez o mais requintado e o mais artista.

Fernando Graça — tumultuoso e impulsivo, dum grande orgulho e duma ambição sem limites. Parece-nos o menos lírico e o mais intelectual dos quatro. Anda em procura de formas novas, de exotismos sensacionais.



DE ESQUERDA PARA A DIREITA — Américo Durão, Jorge Cróner de Vasconcelos, Pedro Prado, Armando Fernandes e Fernando Graça

ILUSTRAÇÃO

Armando Fernandes — Sereno, calmo, sóbrio, — um profundo sentido harmonioso, rico de magníficos dotes de compositor e de pianista. Creemos bem que não será o último dos quatro.

E agora que já os vêem como eu os vejo, comecemos.

PRADO — Sim, efectivamente nós formamos um grupo unido sobretudo pelos laços da camaradagem e da amizade.

GRAÇA — Cada um de nós mantém a sua independência artística e segue uma orientação completamente distinta da orientação dos outros...

EU — Por exemplo?...

FERNANDES — Há no entanto coisas sobre que estamos absolutamente de acôrdo...

JORGE — Na opinião que temos da crítica. Na diferença que existe entre o que é e aquilo que deveria ser.

— Assim...?

FERNANDES — Quanto a nós a crítica devia ser o nosso principal elemento de orientação, e afinal...

— Afinal?

GRAÇA — É duma inconsciência e dum acasismo que francamente nos enristeça.

PRADO — Note que não é o despeito que assim nos obriga a falar. Comosco não tem sido inteligente, mas tem sido amável.

— Tôda a crítica? Não se salva ninguém?

JORGE — Francine Benoit é, talvez, a única pessoa que diz coisas acertadas e interessantes.

FERNANDES — Luís de Freitas Branco e Adriano Maia, se quisessem, seriam dois verdadeiros críticos. (Há um aplauso unânime para estas palavras. Falam quasi todos ao mesmo tempo no desejo de que os seus pontos de vista não sejam mal interpretados).

— São os senhores contra ou a favor do nacionalismo na música?

GRAÇA — Nem contra nem a favor. Mas o que para aí se pede e se está fazendo é um nacionalismo de candeia...

PRADO — Julgamos indispensável frisar que esse nacionalismo é um lamentável lugar comum, de que se está abusando duma maneira irritante. O verdadeiro nacionalismo realiza-se pelo sub-consciente e nunca como um propósito à outrance.

JORGE — O nacionalismo que para aí se reclama consiste em substituir a nossa inspiração pelo que já ouvimos, e não merece a pena fazer-se porque já está feito.

FERNANDES — É de certo modo um plágio, agravado ainda com o facto de não ser um plágio de coisas superiores.

PRADO — A música nunca é feita pelo povo na sua expressão anónima. O nome do autor perde-se, muitas vezes mas nem por isso ele deixou de existir individualmente.

GRAÇA — Nacionalistas ou não, o que é preciso é ter talento. Todos os grandes artistas foram nacionalistas, visto que obedeceram às influências rácicas. Até na literatura... Vêjo por exemplo Racine e Shakespeare na poesia dramática. E na música, Wagner e Beethoven...

PRADO — Cada um de nós interpretando a sua maneira de ser reflecte necessariamente a sua raça, o ambiente e a paisagem...

FERNANDES — A moda do nacionalismo há-de passar: pena é que já tenha durado tanto, porque deu lugar a muita coisa mediocre.

JORGE — Em Espanha, Manuel de Falla já está fugindo ao nacionalismo.

FERNANDES — Devemos também fugir à originalidade fictícia, que só nos choca ao primeiro aspecto para logo depois nos parecer banal. Disse Oscar Wilde que quando se é excessivamente moderno corre-se o perigo de em breve ser excessivamente antiquado...

GRAÇA — Apenas passe as fronteiras do nosso nacionalismo «de candeia», já não interessa a ninguém. Isso não sucede apenas na música, mas em qualquer outra manifestação de arte.

PREGUNTA — E do fado? Que pensam dizer do fado?

GRAÇA — Todo o mal possível...

FERNANDES — Não sei porque lhe chamam a canção nacional... Felizmente essa toada não é nem nunca foi portuguesa.

— De onde é, então?

JORGE — Deve ter vindo de Marrocos...

PRADO — Ainda que o fado fôsse português urgia acabar com êle. É dissolvente e é reles.

PREGUNTA — Já que se mostram tão individualistas, vai cada um dos senhores dizer-me qual dos músicos modernos merece a sua preferência?...

JORGE — Ravel é uma das minhas preferências. Consegui superar Debussy, seu precursor.

FERNANDES — Sim, sem dúvida, Ravel!

GRAÇA — Honegger interessa-me extraordinariamente, porque é sempre e antes de tudo, músico.

JORGE — De Foch interessou-me imenso um quarteto de cordas que ouvi na Sociedade de Concertos.

— E dos compositores portugueses, qual preferem?

PRADO — Luís de Freitas Branco é indiscutivelmente o maior.

— No entanto, fala-se pouco nele...

FERNANDES — Não de acabar por fazer-lhe justiça.

GRAÇA — É o único com interesse internacional.

— Mas... e Rúi Coelho?

GRAÇA — Teve interesse como compositor popular.

— Apenas?!

JORGE (com o aplauso de todos). — Apenas.

PREGUNTA — Quais as fontes onde procuraram robustecer a sua individualidade?

FERNANDES — Confesso-lhe que me é difficil responder. César Frank, Brahms, Schuman, Listz, interessam-me muito...

GRAÇA (o mais audacioso e exótico) — No classicismo, Beethoven parece-me ter realizado o equilibrio entre a essência e a forma.

PRADO — O ideal, para mim, está talvez entre as duas grandes correntes seguidas em França: César Frank e Debussy, que se continua com Ravel.

JORGE — Eu procuro ser tão pessoal quanto possível e reagir contra a escola a que pretensiosamente se chamou a escola do futuro, isto é, de Listz e Wagner.

— Porquê?

JORGE — Porque êstes a levaram à sua última expressão.

— Recordo-me duma conferência de Luís de Freitas Branco em que o Graça era apontado como um revolucionário...

GRAÇA — Uma coisa não impede a outra. Classicismo não quer dizer academismo.

— O classicismo procura a forma mais pura.

GRAÇA — Isto é, a melhor forma para cada essência.

PRADO — A uma ideia diferente corresponde uma realiação diferente. Se ser clássico fôsse o que muita gente imagina, cairiamos num círculo vicioso e nada de novo se criaria.

FERNANDES — Ora o classicismo deixa-nos a máxima liberdade, e o mais largo horizonte diante de nós.

— Na grande Ansia de verdade absoluta que a humanidade hoje sente, os mais modernos e os mais novos encontraram no classicismo a melhor expressão para a sua ansiedade.

PREGUNTA — Que desejariam realizar?

PRADO — Ponhamos assim o problema: Devemos ou não subordinarmo-nos à nossa época? Dar-lhe o que ela nos pede ou o que nós julgamos dever dar-lhe? No primeiro caso corremos o risco de nos perdermos a nós mesmos, embora o êxito nos sorria; no segundo caso dar-lhe-íamos o que pensamos dever dar-lhe, — o melhor de nós mesmos; embora o triunfo, muitas vezes, chegue demasiado tarde...

— De entre os músicos qual teve o destino mais apeteçido por si?

PRADO — César Frank.

— Porquê?

PRADO — Pela seriedade e profundeza da sua obra.

— E o Fernandes, que desejava fazer?

FERNANDES — Ocupar-me exclusivamente de música pura.

— Entre as suas coisas, qual prefere?

FERNANDES — Não sei, com franqueza. Eu não gosto de nada que tenho realizado até aqui. Rey Colaço entusiasmon-me muito para que compusesse uma sonata para piano. Conhece-a... Trabalho agora numa sonata para violino.

— E o Graça, qual é a sua ambição?

GRAÇA — Vingar em formas musicais o que a alma humana tem de profundo e eterno. E o próprio drama do cosmos; embora isto se lhe afigure pretencioso.

— Jorge...

JORGE — Detesto a música com argumento... Não pretendo que a minha música tenha qualquer intuito directamente social. Quero-a por ela mesma.

— ??...

JORGE — A obra que mais me interessa e mais desejaria ter realizado? É a de Bach.

— Das suas composições o que prefere?

JORGE — Tenho escrito tão pouco... Todas têm alguma coisa que me agrada e outras coisas que me desagradam.

GRAÇA — Eu tenho por todas um carinho bem natural, mas nenhuma me satisfaz.

PREGUNTA — Interessa-lhes a ópera?

PRADO — A ópera não me interessa. Quanto às minhas aspirações estão ainda muito indefinidas para que eu lhas possa precisar.

JORGE — Depois do que lhe tenho exposto é natural que seja a música teatral a que menos me chame.

FERNANDES — A música de teatro só me agrada no seu aspecto essencialmente lírico.

GRAÇA — A forma musical ópera não me apaixona, reconhecendo, no entanto, a boa música que há em muitas delas. Em compensação o drama musical já o vejo com outros olhos. Não sei se será o lugar geométrico da fusão de tôdas as artes, como pretendia Wagner, mas, seja-o ou não, interessa-me extraordinariamente.

— Nesse caso pouco lhes importa que S. Carlos esteja ou não fechado...

TODOS A UM TEMPO — Não senhor, não senhor! Nenhuma expressão musical nos deixa indiferentes, mas preferimos indiscutivelmente os concertos sinfónicos...

— Ah, bem... E a propósito de concertos sinfónicos, o que pensam?

GRAÇA (respondendo em nome de todos) — O meio é ingrato e o pouco que até agora se tem feito revela uma vontade e um esforço merecedores de gratidão. O actual director da orquestra do Tivoli tem direito ao nosso agradecimento carinhoso, pelas coisas novas que nos tem revelado.

UMA ÚLTIMA PREGUNTA — Acham que S. Carlos deve reabrir como teatro de ópera?

TODOS — S. Carlos não deve ser apenas o teatro da ópera, mas sim o Palácio da Música.

AMÉRICO DURÃO.

A CONSAGRAÇÃO DA MADONA HINDÚ

É O DESCRÉDITO DO FAMOSO DOGMA DA INFERIORIDADE
DA MULHER NO ORIENTE

O casamento impõe-se na Índia como um dever sagrado, um rito religioso purificador, e sendo a sua forma original, a monogamia, nas três classes da raça ariana, não é ilegal, a condição de um homem polígamo na sociedade hindú.

A reclusão feminina nos «Zananas» (aposentos das mulheres hindús) pelo menos nas famílias ricas, atribui-se à introdução dos costumes musulmanos, posto que em certa escala estivesse em uso, em outros países do Oriente e até na própria Grécia e Roma, exceptuando os povos europeus oriundos do norte.

A poligamia entre os hindús constitui, pela sua raridade, uma pretenciosa forma de luxo, além de ser um meio de evitar a falta de sucessão masculina, entre os arianos ricos.

Manú, talvez pretendendo defender a fraqueza da mulher, lembrou-se de rodé-la de um certo ambiente de protecção, formulando relações jurídicas que interpretadas astuciosamente pelos sacerdotes bramanes, deram origem a uma deprimente sujeição da mulher hindú, quando o excelso legislador nunca desejara cercar as santas liberdades da virtuosa mulher védica, rainha judiciosa do seu sagrado lar.

A altiva e nobre casta dos *Kchatrias*, que nunca se deixou dominar pelo espírito político de realizar apenas os seus interesses materiais, pôs tão alto a independência de uma jovem, que até lhe concedeu a liberdade de escolher o seu esposo; e quando muitos pretendessem a sua mão, era preciso que a donzela amada, desse a cada um dos seus apaixonados, licença para entrar numa disputa de amor, podendo ela no fim, coroar ou deixar de coroar o triunfador.

O casamento infantil, a desigualdade de direitos e a proibição do casamento às viúvas, não passam de invenções que os bramanes quiseram e conseguiram impor, passando, com algum tempo, a ser normas da vida hindú.

Na família, nunca a mulher hindú deixou de desempenhar aquele difícil papel que a Natureza lhe impôs: exercer a doce autoridade de esposa e mãe, que por todos lhe é retribuída, com um amor sem limites.

Os hindús ilustrados, julgando-se no direito de defender os costumes da sua raça da acerba e quasi caluniosa critica estrangeira, na parte que diz respeito aos direitos da mulher, dizem o seguinte:

Assim como os deuses e outros espiritos celestes que são objecto de veneração, possuem bens e gozam de regalias e direitos, cuja manutenção e respeito incumbe aos administradores dos templos, sob a vigilância da lei, assim também a mulher fica enumerada entre os entes superiores, e são a sociedade e a lei quem vela pelo seu bem estar em todas as circunstâncias daquela inocente vida de dedicação e amor.

«Os direitos da mulher que o legislador Manú estabelece — observa Monier Williams — coroam a linda cabeça da mulher hindú de uma grinalda de flores de abnegado amor.

Por aqui se vê que é falsa e torpe, pela intenção, a teoria do dogma da inferioridade da mulher no Oriente, pelo menos na Índia, não podendo elle ser deduzido dos factos da vida real.

Em um dos seus capitulos, Manú depois de declarar excluída a mulher, do estudo dos Vedas, pro-

clama logo ser um benefício divino, a influencia da mãe na familia!

Contudo se o pensamento hindú nunca descaí da sempre levantada forma sentimental e poética ao exaltar até a sublimidade, a abdicção do amor da mulher, há um facto de estranha barbaridade que vem deslustrar essa auréola de infinita ternura — é o sacrificio de Sattique, é o sacrificio da mulher dedicada, queimada viva na pira onde é cremado o cadáver do seu marido.

Esse costume horrível não tem o seu fundamento nos livros sagrados da Índia, mas provém da politica cavilosa e interesseira dos bramanes que, sendo a classe privilegiada dos letrados da corte dos *roghas*, conseguiram inspirar esta prova de dedicação da viuva, na alma feminina, pacientemente zelosa do seu amor, até o último sacrificio.

Segundo afirma um comentador hindú, os sacerdotes torceram alguns versos do Rig-Veda em ordem a sancionar uma tal perversidade de Sattí.

Seja como for, o sacrificio de Sattí no noroeste da Índia, perto do Punjab, é coevo da invasão de Alexandre Magno, mais de 300 anos A. C.

Das célebres descrições de Sattí feitas por escriptores e poetas hindús, resalta o claro vermelho do fogo purificador, espalhando no ambiente hindú o cheiro da santa dedicação da viuva mártir do seu amor. Assim o misticismo cooptava naqueles tempos as criaturas nervosas, crentes e amantes, que colocadas entre o cortejo

das misérias da vida da viuvez e as glórias que esperavam encontrar no além, junto do seu esposo, fácil lhes era optar pela morte heroica, corajosa e santa, no meio de aplausos, cânticos sagrados e o espargir de flores naturais.

O governo inglês, antes de 1829, já adoptara uma solução média para não decretar a brusca abolição desta desumana pratica. Prohibira o sacrificio de Sattí sob estritas prescrições e com o pleno consenso da viuva, e mesmo assim, o número das viúvas queimadas vivas, atingiu num só ano a cifra de 800.

Antes dessa providencia do governo inglês, já o imperador Akbar, o grande, havia prohibido a pratica obrigatória de Sattí salvo os casos do sacrificio voluntário; enquanto que os portugueses, quando chegaram a assistir pela primeira vez a esse ceremonial de morte da viuva innocente, não procuraram conciliar os ânimos com soluções médias. Viram apenas que o sacrificio de Sattí era a desonra de um povo e uma loucura, que estigmatizava uma raça de superiores destinos e sem procurar obter mais informações, perentoriamente, prohibiram-no em absoluto.

Hoje que a Índia assiste sobre si mesmo a miraculosa renovação do seu espirito formoso porque, *Ex Oriente Lux*, a mulher hindú, mais do que nunca, envolvida nas suas roupagens da cor lactea do luar, aparece fora de todas as preoccupações do seu antigo Purda (sistema ou cortina que apartava as mulheres nos Zanana, os aposentos femininos) pura e doce qual bandeira branca da almejada paz universal.

Acabaram-se certos aspectos da sua vida antiga. Desapareceram os preconceitos que ensombriavam a mimosa e dourada fonte da virgem hindú. Embora a sua beleza fisica ainda tenha o lendário estilo que Mahatma Gandhi, para pregar nas estradas de Guzarote, soube arrancar a intimidade dos santuários.

É esta uma época plena do successo hindú em todo o mundo civilizado. Qualquer coisa de sob os radiantes aspícios do pacifismo hindú.

Excede esta época quer pelo seu caracter espiritual e sacro, quer pela sua forma externa todas as fases maiores da velha civilização indiana. E a mulher da Índia na plena consciencia do seu dever representa mais do que ela foi naqueles tempos áureos da cavalaria dos Rogputros; quando por motivo de uma beleza feminina estalavam guerras entre os suzeranos rivais; quando uma mulher lesada nos seus direitos, ou offendida na sua honra, bastava, para encontrar um defensor, enviar o seu bracelete aquelle que ela julgava digno da sua belesa; quando para defender uma dama hindú da perseguição de um inimigo criado pelo amor, se praticavam prodigios de valor, e nunca, fôsse qual fôsse a sorte das armas, a mulher caía ás mãos do adversário.

Este foi o período áureo que a legenda da história emoldura, como na Europa se recorda a idade média na fumaceira distante das fogueiras ardentes.

Não, a mulher hindú não será uma dilettante quando visitar a Europa; a mulher hindú tem uma missão. E ela será apenas uma mãe e uma esposa e nunca sairá do conforto do seu lar para entrar no salão eléctrico das illusões e aventuras.

Para cerrar este artigo vou reproduzir o pensamento hindú que define a mulher que um poeta francez traduziu com muito acerto nos quatro luminosos versos:

*Eh! qui pourrait compter les bienfaits
d'une mère!
A peine nous ouvrons les yeux à la
lumière,
Que nous recevons, en respirant le jour,
Les premières leçons de tendresse et
d'amour!*

Lisboa, 1930.

BUCARISTINO DE MENDONÇA.





Fazsatempo

PROBLEMA DE XADREZ

(Solução)

12	55	54	9	8	59	58	5
53	10	11	56	57	6	7	60
13	50	51	16	1	62	63	4
52	15	14	49	54	3	2	61
20	47	46	17	32	35	34	29
45	18	19	48	33	30	31	36
21	42	43	24	25	38	39	28
44	23	22	41	40	27	26	37

O diagrama obtido pelo duplo movimento de um cavalo e de uma torre por meio de movimentos alternados é o representado na figura junta. Vê-se por êle que se fez o percurso total do taboleiro, obtendo-se ao mesmo tempo uma disposição tão simétrica que os números dos movimentos, quando adicionados por colunas, linhas horizontais ou diagonais, dão a mesma soma.

Por outras palavras, obtem-se simultaneamente o percurso do taboleiro todo e a formação dum quadrado mágico.

Os números formam quarenta quadrados mágicos, sendo um dêles o quadrado total, em que as colunas, as linhas e as diagonais somadas dão o mesmo número 260. Os outros trinta e nove quadrados menores são menos perfectos, mas ainda são mágicos. Há ainda também trinta e dois pares de somas iguais e duas outras séries de dezesseis pares.

LIÇÃO DE CATECISMO

— Agora, responda lá o cabo de esquadra — dizia o capelão do regimento interrogando a uma roda de soldados sobre pontos de doutrina: Quantas são as pessoas da Santíssima Trindade?

— Três para servir a Vossa Reverendíssima.

— Como se chamam?

— Lá isso é que eu nunca ouvi nomear; o que eu sei, e estes também sabem, é que um é pai, outro filho, e o outro Espírito Santo.

— O pai é Deus?

— Tão certo como ser eu cabo da sétima companhia.

— O filho é Deus?

— Lá êsse por ora ainda não; mas deixem morrer o pai que êle subirá de posto.

A MAIOR DESGRAÇA

Um estudante do liceu encontrou no seu caminho um rapazito pobre, quasi da mesma idade, que lhe pediu esmola, dizendo que era muito desgraçado.

— Então andas também no latim, com certeza? — perguntou-lhe êle.

Um gastrônomo refinado estava num grande banquete aonde a conversação e os risos se foram a pouco e pouco animando e crescendo até ao ponto de ser já difficil entenderem-se.

— Meus senhores, bradou êle, peço mais atenção e sossêgo; assim ninguém pode saber o que está comendo.

BOA RECEITA

— Como os seus filhos são tristonhos, D. Emilia!

— É verdade, D. Carlota; pois olhe que não é por falta de eu lhes bater para mudarem de génio.

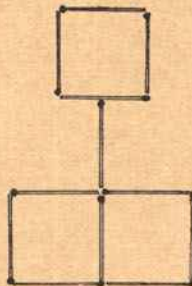
— Papá — perguntou o Henriquito — que parte do corpo é o vocabulário?

— O quê! Porque perguntas isso, meu filho?

— É porque o nosso professor disse que o Chico Silva tinha um vocabulário grande de mais para a idade.

AINDA OS FÓSFOROS

(Problema)



Disponham-se sobre a mesa dôze fósforos, da forma indicada pela gravura.

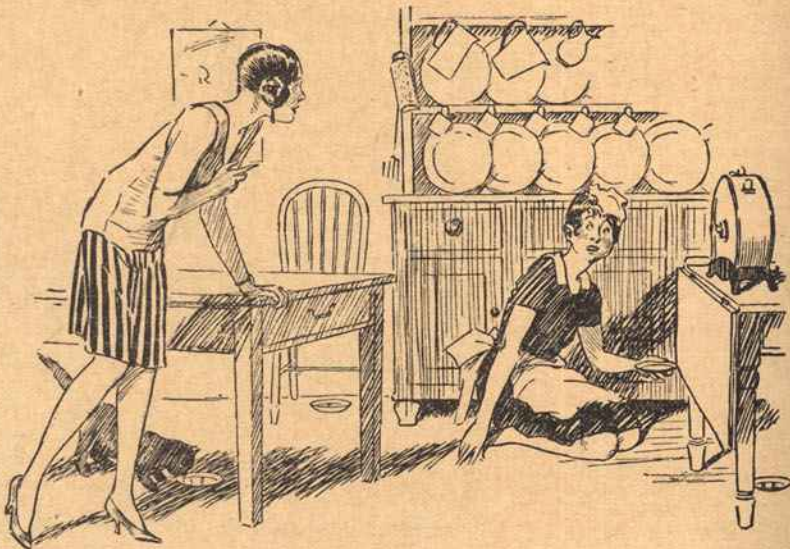
Agora levantem seis dêsses fósforos e tornem a collocá-los de modo a formar cinco quadrados. É claro que seis fósforos teem de ficar nos seus primitivos lugares e não pode haver fósforos duplicados nem pontas soltas.

O RELÓGIO DE SOL

— Rapaz, vai ao quintal ver no relógio de sol que horas são! — dizia ao seu criado um êbrio estremunhado, acordando de um sono de quatorze horas.

— Não se vê lá nada, é noite, e está escura como um prego.

— Forte burro! Não podes levar a candea?



A patrão — Joaquim, para que vems a ser todos êsses pírcos?
A criada — É azete para os ratos, minha senhora. Faz-me impressão ouvi-os chiar.

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogarías, mercearias, etc., e por grosso na

Shell Company of Portugal, Limited

RUA DO CRUCIFIXO, N.º 49

Delegações em Porto, Coimbra e Faro

Agencias em todo o País



OLHAR QUE FASCINA
com o ondulador **RODAL**
das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Rodal Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanas. Alongue as suas pestanas com os productos **YILDIZIENNE** da



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

As mais luxuosas instalações — DIRECTORA: MADAME CAMPOS
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — Peça catálogo gratis

O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS
dá á pele uma beleza e uma frescura incomparáveis.

De finíssima qualidade, quasi imperceptível, não mascara e deixa na pele o seu perfume unico, persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda. 118, RUA DA MADEIRA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA — RUA DAS FLORES, 192, 1.º

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

Rocha Martins

Será distribuida com o 5.º tomo desta tão patriótica como util obra da divulgação historica uma magnifica capa para brochura, uma linda tricromia com as armas de D. João I

Reinado de D. Manuel I

Aclamação do novo Rei — O Parlamento — Viagem do Rei — Ministerios Campos Heriques e Sebastião Teles — A questão religiosa — A manifestação liberal de 2 de Agosto — Centenario da Guerra Peninsular — O Partido Republicano Português — A gravidade da questão politica — A revolução de 5 de Outubro — A proclamação da Republica.

As condições de assinaturas para a 2.ª edição desta *HISTORIA DE PORTUGAL*, serão brevemente apresentadas.

Aos Estudantes dos Liceus e aos Professores

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são:

- | | |
|--|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denis |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Mariana |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da coleção: 2\$500

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

Guerra Junqueiro e a Mulher

Nesta conferência, pronunciada no Ateneu Comercial do Porto e na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, pela distinta e conhecida escritora **D. Emília de Sousa Costa** surge em toda a sua grandeza a personalidade literaria do assombroso poeta português já fallecido.

Preço 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias»,
Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11

A última novidade literaria do nosso meio é:

ERICH·MARIA·REMARKUE



**NADA DE NOVO
NA FRENTE
OCIDENTAL**

LIVRARÍAS AÍLLAUD & BERTRAND

A obra que tem alcançado maiores tiragens
em todas as linguas do Universo

Um volume brochado, 10\$00

Pedidos ás livrarias AÍLLAUD E BERTRAND

O tempo gasto de Lisboa ao Porto

e a marca do Oleo
empregado.



Com as estradas boas como estão, o tempo gasto na viagem entre duas cidades distantes, depende só da velocidade.

Contudo, quanto maior fôr a velocidade de um automóvel, mais vezes os seus embolos se movem durante um determinado tempo e conseqüentemente mais elevada é a temperatura de funcionamento.

Os lubrificantes de hoje, portanto, devem conservar todas as suas qualidades a elevadas temperaturas para evitar tanto quanto possível o atrito.

Os tipos de MOBILLOIL indicados na "Tabela de Recomendações Mobiloil" para as várias marcas de automóveis, são o resultado de 63 anos de experiência em matéria de lubrificação.

Por isso conservam as suas propriedades lubrificantes sob os maiores esforços a que êsses carros na prática são submetidos. E daqui resulta maior economia de óleo e mais aproveitamento de potência, que equivale também a maior economia em combustível.



Mobiloil

O óleo mundialmente reconhecido pela sua qualidade

719

VACUUM OIL COMPANY

Productores da Gazolna "AUTO-GAZO."